

JOICE NAIANE DE SOUSA COSTA

**EDUCAÇÃO FÍSICA EM CAMPO FORMOSO – BAHIA: MEMÓRIAS DA
DITADURA MILITAR.**

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Esp. Francisco de Sales Araújo Sousa

JACOBINA - BAHIA
MARÇO/2010

JOICE NAIANE DE SOUSA COSTA

**EDUCAÇÃO FÍSICA EM CAMPO FORMOSO – BAHIA: MEMÓRIAS DA
DITADURA MILITAR.**

Monografia submetida ao corpo docente do
Departamento de Ciências Humanas – Campus
IV da Universidade do Estado da Bahia como
parte dos requisitos necessários para a obtenção
do grau de licenciatura em Educação Física.

Jacobina, 16 de março de 2010

Aprovada por:

Prof. Esp. Francisco de Sales Sousa Araújo
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Esp. Angelo Maurício de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof.^a Ms. Fábio Santana Nunes
Universidade do Estado da Bahia

À meus pais e irmãs, meu esposo e filho,
familiares e amigos, pelo apoio incondicional
durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Ele, por ter me dado o dom da vida e por estar comigo em todos os momentos dando-me discernimento e sabedoria; Deus.

Àquela que é minha fortaleza, meu porto seguro, minha força nos momentos de fraqueza, minha certeza nos momentos de dúvida, a você Joselita, ou melhor, "mainha" não existem palavras que possam descrever a gratidão que sinto, te amo muito.

Ao meu lindo filho Raí, que com sua inocência precisou compreender o motivo da distância que o manteve separado de sua mãe durante estes quatro anos. Às minhas duas irmãs e companheiras Josenara e Marylia, às minhas tias queridas Antônia de Cássia e Maria Helena, pelo apoio e incentivo em todos os momentos de minha vida.

A Fabrício, pela confiança e paciência. Obrigada por manter-se comprometido com nossa relação e com o nosso amor mesmo distantes

Aos amigos, Lucineide, Débora, Deyse, Lucy e Alan pelos momentos prazerosos na construção de conhecimentos, mas acima de tudo na concretização de valores que devem permear as verdadeiras amizades. Aos demais colegas que com suas particularidades contribuíram com a minha formação.

Enfim, a todos os professores que se colocaram como mestres e são também responsáveis por esta conquista, a vocês minha inteira gratidão.

“A ciência nada mais é que o senso
comum refinado e disciplinado”

G. Myrdal

RESUMO

Neste trabalho apresentam-se os resultados da pesquisa de conclusão de curso que teve como propósito demonstrar como era desenvolvida a Educação Física Escolar em Campo Formoso - Bahia durante a Ditadura Militar no Brasil. A pesquisa abrangeu investigações que foram desde um levantamento das produções historiográficas que tratam de Brasil, Educação e Educação Física no período em questão, passando pelos depoimentos dos professores, alunos e pessoas da comunidade que vivenciaram ou mesmo presenciaram os fatos e acontecimentos, até uma análise de documentos e fotografias encontradas. O mesmo encontra-se subdivido em quatro capítulos dispostos numa seqüencia que tratam de um contexto mais geral ao específico. Partindo do pressuposto de que as generalizações podem ofuscar detalhes e de que as abstrações desvalorizam particularidades concretas, e considerando o processo histórico como sendo constituído por rupturas e continuidades, afirmo que o desenvolvimento das aulas de Educação Física em Campo Formoso - BA foram sim influenciadas no sentido de atender ao que almejava o modelo de sociedade autoritária que se firmou no país entre os anos de 1964 a 1985.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Alunos do Ginásio Augusto Galvão fazendo demonstrações de ginástica..	38
Figura 2. Alunos fazendo atividades de rolamento.	38
Figura 3. Alunos saltando por entre um arco nas demonstrações de ginástica.....	39
Figura 4. Time de Futebol do Ginásio Augusto Galvão.	45
Figura 5. Alunos do "Ginásio" no desfile de Sete de Setembro.....	45
Figura 6. Alunas que praticavam ginástica.	45
Figura 7. Demonstrações de atividades. Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.	48
Figura 8. Alunos dispostos de forma distinta: meninos X meninas. Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.....	49
Figura 9. Atestado de Aptidão Física do Professor Aristarco Pires.....	60
Figura 10. Autorização precária concedida ao professor Aristarco Pires pelo diretor da Divisão de Educação Física "Alfredo Colombo".	61
Figura 11. Certificado de freqüência em Curso de Informações de Educação Física	62
Figura 12. Certificado de Participação do Professor Armênio Galvão no Curso Básico de Educação Física.	62
Figura 13. Certificado de participação do professor Aristarco Pires no Curso Básico de Educação Física.	63
Figura 14. Modelo de formulário de exame biométrico "frente".	63
Figura 15. Modelo de formulário de exame biométrico "verso".....	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CONVERSANDO ACERCA DA DITADURA MILITAR NO BRASIL	13
2.1	DO POPULISMO DEMOCRÁTICO AO GOLPE DE 64	13
2.2	DE CASTELO BRANCO A FIGUEIREDO	15
3	APANhado HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO NO ESTADO MILITAR	20
4	FALANDO SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL	29
5	MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NESTE PERÍODO EM CAMPO FORMOSO - BAHIA	35
5.1	INFLUÊNCIAS MILITARES NA CIDADE DE CAMPO FORMOSO - BAHIA ...	35
5.1.1	A quem se destinavam as instituições educacionais	36
5.2	O DESENNOLAR DAS AULAS: CONCEPÇÕES, METODOLOGIAS DE ENSINO, CONTEÚDOS, RECURSOS MATERIAIS E ESPAÇOS FÍSICOS....	37
5.2.1	As façanhas de um amante da Educação Física.....	38
5.2.2	Entre a necessidade e o prazer: relatos de vivência	42
5.2.3	A Educação Física nas vozes dos alunos	44
5.3	CONVERSANDO SOBRE AS INFORMAÇÕES COLETADAS.....	46
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICES	56
	APÊNDICE A Convite aos professores para participação na pesquisa	56
	APÊNDICE B Roteiro de entrevista realizada com os professores	57
	APÊNDICE C Roteiro de entrevista realizada com os alunos.....	58
	APÊNDICE D Roteiro de entrevista realizada com a comunidade	59
	ANEXOS	60
	ANEXOS A Documentos, formulários e certificados	60
	ANEXOS B Respostas resultantes das entrevistas.....	65

1. INTRODUÇÃO

Os escritos que ora apresento correspondem aos resultados de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso que teve como finalidade, constatar como era desenvolvida a Educação Física Escolar em Campo Formoso, Bahia, durante a Ditadura Militar no Brasil. Considerou-se cuidadosamente que são raros os estudos referentes a esta temática e que a maioria daqueles até então elaborados limitam-se a analisar as influências sofridas pela Educação Física Escolar - influências estas que perduram até hoje - o que não é o foco desta pesquisa.

Pretendeu-se compreender se o contexto político de repressão, angústia e contestação que passou a vigorar no país pode ser percebido pela população campoformosense e afetado, conseqüentemente, esta cidade do interior da Bahia. Apresenta-se como uma forma de denúncia da realidade vivida, bem como, de resgate e preservação da história local.

O estudo em questão tem como tema **“Educação Física em Campo Formoso - BA: Memórias da Ditadura Militar”**. Para concretização do mesmo foi analisada a realidade vivenciada pelos alunos, professores e escola de um modo geral, considerando toda a influência sofrida pelo sistema educacional brasileiro no referido período. Portanto, teve-se a intenção de documentar a história de uma cidade pacata do interior da Bahia num período marcante da História do Brasil.

Dentro do contexto da Educação Física, este estudo teve como base os seus aspectos históricos. Considerou-se que a escassez de estudos nesta área é marcante e principalmente estudos de valorização da história regional, representou uma oportunidade de enfatizar a importância de se considerar o processo histórico dos fenômenos quando se deseja compreendê-los.

Durante os anos de 1964 a 1985 o Brasil passou por um momento político bastante conturbado. Foi neste período denominado “Ditadura Militar” que por 21 anos o país foi governado por militares que de forma repressiva e violenta revezavam o poder e o domínio político. Movimentos estudantis e trabalhistas foram reprimidos, qualquer forma de manifestação e organização era terminantemente proibida e aqueles que se colocassem em oposição ao governo corriam sérios riscos de vida. Muitos foram exilados, professores universitários aposentados

compulsoriamente, partidos políticos foram extintos e o direito a liberdade de imprensa foi cassado. Mesmo diante de tanta barbaridade política, grande parte da população não percebia a gravidade da situação e alguns acontecimentos ainda contribuíam para mascarar a realidade.

Influenciada diretamente pela sociedade e suas implicações políticas, as instituições escolares foram fortemente atingidas, de tal modo que em fevereiro de 69 o decreto-lei nº477 foi baixado: “toda e qualquer manifestação de caráter político por parte de professores, alunos e funcionários da escola estava proibida” (ARANHA, 1989, p.253).

Portanto, analisando a História de Campo Formoso e da Educação Física no Brasil durante este período, teve-se a preocupação de verificar e documentar este recorte histórico pouco lembrado e estudado nesta área, com a certeza de que, estando a instituição escolar diretamente inserida no seio da sociedade, com ela deve manter uma relação de influências recíprocas.

Enquanto aluna-pesquisadora, encarei esta oportunidade como possibilidade de investigação não só da História de minha cidade natal, mas, principalmente, como meio de aproximação mais íntima da História do meu País e História da Educação, esta última de forma mais cuidadosa, uma vez que, inserida num curso de licenciatura, preciso analisar as interferências históricas que conduziram a Educação a tal realidade apresentada hoje.

Para academia acredito representar uma referência a mais quando se fala nos aspectos históricos da Educação Física do Centro Norte baiano e para o povo campoformosense um verdadeiro resgate de um momento histórico tão rico que a partir de então poderá ser facilmente acessado.

Dentro deste contexto, a problemática investigada girou em torno do seguinte questionamento, “Como era desenvolvida a Educação Física Escolar no município de Campo Formoso-BA durante o período da Ditadura Militar?” Pretendia identificar as concepções de Educação Física das escolas de Campo Formoso durante a Ditadura Militar, verificando qual a relevância da disciplina perante as demais no currículo escolar, a formação dos professores que atuavam, bem como, a estrutura física das instituições escolares, constatando quais atividades eram desenvolvidas e como se dava a participação dos alunos.

A pesquisa foi realizada na cidade de Campo Formoso, Bahia, Brasil. Esta cidade encontra-se localizada no centro-norte baiano, faz divisa ao norte com

Juazeiro, ao sul com Antônio Gonçalves, Mirangaba e Umburanas, a leste com Senhor do Bonfim e Jaguarari e a oeste com Santo Sé. Possui uma área geográfica de 6.806 km² e população com cerca de 61.965 hab., altitude de 580m acima do nível do mar, sua atividade econômica gira em torno da agropecuária, mineração (extração de esmeraldas, cromo, etc), fabricação de cimento, artesanato e atividades turísticas. Segundo o censo de 2002 a cidade possui 19 escolas de 1ª a 4ª série, 12 escolas estaduais e 4 escolas particulares, totalizando 27.146 alunos distribuídos nas 3 redes de ensino. (informações disponíveis em <http://www.portalcampoformoso.com.br>; acesso em 09 de março de 2010).

A pesquisa se compôs das seguintes etapas, com seus respectivos procedimentos: Primeiro foi feita uma revisão de literatura, a fim de aprofundar os conhecimentos e enfatizar detalhes relevantes sobre a Ditadura Militar e suas influências na educação de um modo geral e mais especificamente na Educação Física Escolar.

Seguidamente, foi realizada uma pesquisa documental que segundo Marconi e Lakatos, (1990) vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico. Este material se constituiu de fotos, certificados, formulários, dentre outros.

Por fim foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que se definem como um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema (Marconi e Lakatos, 1990). Semi-estruturada porque as perguntas foram modificadas a partir da necessidade de se obter melhores resultados.

O público estudado foi constituído por todos os professores encontrados, uma vez que o número de escolas era reduzido, dois alunos e duas pessoas da comunidade, que puderam visualizar ou mesmo vivenciar os acontecimentos neste período. Os dirigentes escolares não se encontravam mais na cidade.

Os dados foram analisados tomando como referências a problemática e os objetivos propostos inicialmente. As entrevistas e documentos coletados foram analisados de forma qualitativa e contextualizada com a realidade local, uma vez que a preocupação maior é com a compreensão dos fatos tomando como base o processo social, de acordo com Edvaldo Soares (2003), a abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, não emprega procedimentos estatísticos como centro do

processo de análise de um problema, por meio desse tipo de abordagem o pesquisador interpreta os fatos, procurando solução para o problema proposto [...] as informações e os resultados obtidos devem ser interpretados à luz de teorias.

Todas as informações pertinentes serão retratadas neste estudo monográfico de conclusão de curso e aparecerão dispostos em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado de “Conversando sobre a Ditadura Militar no Brasil” descreverei de forma sucinta o que fora a Ditadura Militar no Brasil, apresentando os principais fatos e acontecimentos. No capítulo seguinte “Apanhado histórico sobre a Educação no Estado Militar”, faço uma viagem no tempo e trago ao debate as mudanças ocorridas no meio educacional a partir da implantação do Regime. No terceiro capítulo que chamei de “Falando sobre a Educação Física Escolar no contexto da Ditadura Militar” dialogo com alguns autores que tratam da temática, enfatizando as principais características de sua utilização enquanto prática pedagógica dentro do ambiente escolar. E por fim, no quarto e último capítulo apresento “As memórias da Educação Física Escolar neste período em Campo Formoso – Bahia”, que considero como o ponto mais alto desta pesquisa, momento em que entram em cena os atores e autores desta história, pois através de seus depoimentos tornou-se possível compreender como a Educação Física fora desenvolvida no ambiente escolar no contexto da Ditadura Militar brasileira na referida cidade.

Enfim, partindo do que já fora produzido acerca de Educação e Educação Física no período em questão, tornou-se possível documentar um pouco da História da Educação Física em Campo Formoso – BA.

2. CONVERSANDO ACERCA DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

Neste momento tentaremos fazer um breve relato do que fora a Ditadura Militar no Brasil, ressaltando os principais fatos, feitos e acontecimentos. Vale lembrar que os escritos aqui apresentados correspondem, assim como fala Castellani Filho (1988), à “história que nos foi contada”, isso porque utilizarei de fontes oficiais e confiáveis, mas que podem trazer detalhes que foram conseguidos de fontes extra-oficiais. Procuraremos relacionar as informações colhidas com o objeto de estudo em questão, com a finalidade não de reconstruir a história, mas de interpretá-la a partir de um novo olhar, direcionando-as ao alcance dos objetivos pretendidos.

2.1 DO POPULISMO DEMOCRÁTICO AO GOLPE DE 64

O período que antecede a Ditadura Militar no Brasil é marcado por grande instabilidade institucional. O populismo - que teve origem nos anos 30, depois da Revolução e com a ascensão de Vargas – apresenta três datas que retratam seus momentos críticos, são elas: 1954 (o suicídio de Vargas), 1961 (renúncia de Jânio Quadros) e 1964 (com a deposição de Jango em consequência do Golpe Militar). Em agosto de 1961, após sete meses na presidência da República, Jânio Quadros, numa tentativa falha de golpe, elaborou uma carta renúncia através da qual esperava que significasse um primeiro ato de uma trama golpista, por meio da qual acreditava que a posse do atual vice-presidente João Goulart seria impedida pelos militares e juntamente com clamor popular lutariam por seu retorno.

Frustrando-se na concretização dos seus planos, Quadros perdeu o comando do país e em seu lugar, na ausência do vice-presidente, assumiu o presidente da câmara dos Deputados Ranieri Mazzilli. Goulart ao retornar do exterior assumiu o poder que naquele momento lhe era de direito, contando com o apoio dos setores populares e democráticos de várias partes do país. O retorno de Goulart foi garantido por uma emenda constitucional formulada pelas forças armadas, que a partir de então instituíam no país um governo parlamentar. Jango tomou posse e governou através do sistema parlamentarista até 1963, quando o presidencialismo

foi trazido ao cenário através do plebiscito. Como presidente da República, Jango governou o país de janeiro de 1963 a 31 de março de 1964, dia em que foi deflagrado o golpe militar.

Segundo Toledo (1997), o golpe aconteceu sem resistência e nem guerra civil. Jango - grande incentivador das forças oposicionistas, dos movimentos sindicais, que tinha bastante apreço às ações democrática - alegando as pressões que vinha sofrendo da direita, e agora sem poder contar com o apoio militar, recusou-se em apostar as últimas cartas em defesa da legalidade democrática. Mesmo depois do comício de 13 de março, que mobilizou mais de 200 mil pessoas, começando a mostrar sinais de consciência política da classe trabalhadora, ele preferiu o suicídio político e no dia 04 de abril do mesmo ano foi mandado para exílio no Uruguai.

Amedrontados pelos boatos de implantação de um regime comunista na República do Brasil, principalmente ao notar as mobilizações e ações sindicais, bem como, o crescimento político das classes populares e trabalhadoras, os militares, mesmo influenciados pelos norte-americanos que lhes ofereceram força bélica, chegaram ao poder sem precisar derramar sangue algum, bastaram alguns telefonemas e o golpe findou-se vitorioso. O governo Goulart fora derrubado. A influência americana nas ações de direita que tomaram o poder a partir de então era tão notória que, estando o já ex-presidente ainda em território nacional (Jango), o presidente dos EUA Lyndon Johnson por meio de um telegrama saudava o novo governo brasileiro, o presidente da Câmara de Deputados Ranieri Mazzilli.

Depois de março de 64, de acordo com Evaldo Vieira (1985, p.13),

O Congresso Nacional deu nova direção à sociedade brasileira, com o auxílio de várias organizações civis, nascidas e alimentadas pela classe dominante. Embora esta nova direção tenha utilizado militares e tecnocratas, suas origens derivam de profundos interesses nacionais e internacionais do capitalismo. Intérpretes do golpe de Estado de 1964 falam do "Esvaziamento do poder civil" e de fim do "ciclo civil".

As decisões e ações tomadas pelo militarismo burguês excluía de vez a participação das classes populares e trabalhadoras e demonstravam repúdio ao nacional-reformismo. Sem dúvida alguma chegava ao fim a democracia populista.

O chamado Supremo Comando Revolucionário, composto por três ministros militares, promulgou o chamado Ato institucional nº 1, AI -1. Neste Ato se conservava a constituição de 1946 e instituía e eleição indireta, a partir de então o novo presidente da república, e seu vice, seriam escolhidos pela maioria dos membros do Congresso Nacional. Através do AI-1 também era possível cassar os direitos políticos de qualquer pessoa por até 10 anos, sem qualquer possibilidade de apreciação judicial (VIEIRA, 1985, p.14). Como se pode perceber este Ato foi o primeiro e já dava sinais de quão grande seria o poder do Presidente da República. Analisando a relevância da figura do presidente no período em questão, a seguir apresentarei os presidentes que revezaram este poder durante estes 21 anos, enfatizando seus principais feitos.

2.2 DE CASTELO BRANCO A FIGUEIREDO

Em seu mandato (abril/64 a março/67) Castelo Branco chegou a assegurar que iria cumprir a constituição de 1946 que tem como ponto-chave a defesa da democracia, porém ao findar sua gestão chegou a afirmar que algumas mudanças na constituição seriam vantajosas. Dentro do setor militar foi formado um grupo de radicais da direita que mais tarde ficou conhecido como "linha dura". Por pressão desse grupo muitas organizações de classe foram fechadas, como é o caso da CGT (Comando geral dos trabalhadores), organizações estudantis, como a UNE (União Nacional de Estudantes), suspeitos de subversão eram interrogados, líderes políticos indesejáveis foram presos e perseguidos e ainda, através do AI-2, anularam-se a possibilidade dos políticos que pretendiam retornar ao poder, extinguindo os partidos políticos e autorizando a formação de apenas dois: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) de apoio ao governo e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) de oposição (KOSHIBA E PEREIRA, 1996, 332-334p.)

Abusando do poder que através de decretos e atos se concentrava no executivo, Castelo Branco, que tinha previsão de término de mandato para janeiro de 1966, somente o transferiu para o Marechal Arthur da Costa e Silva em março de 1967, através de uma eleição indireta feita pelo colégio eleitoral.

De modo geral, as propostas de Costa e Silva em muito se assemelhavam com as divulgadas por Castelo Branco, Vieira (1985, p.23) esclarece que

Costa e Silva dissertava sobre o funcionamento da constituição de 1967, sobre a importância da democracia, sobre a continuação do desenvolvimento, mostrando ainda aos trabalhadores suas novas conquistas. Chamava, porém a atenção para algo novo: A batalha contra a burocracia. Costa e Silva entendia que a nova Constituição constituía grande obra jurídica, expressando seu respeito pelo Poder Legislativo, fiel representante do povo e responsável por sua própria eleição.

Dentre os principais acontecimentos que marcaram o seu mandato, podemos citar a grande repressão a UNE, a passeata dos 100 mil em 1968, as lutas sindicais, inúmeras greves, exílio de presidentes sindicais, ataques às empresas nacionais, incentivo à iniciativa privada, dentre outros. Outro acontecimento que muito marcou o período de governo em questão foi a instituição do Ato nº 5 (AI-5) no ano de 1968, que foi marcado por atemorizações, prisões, invasões às residências, caracterizando este período como um dos mais sombrios da história do país. De acordo com Zappa e Soto (2008, p.270),

[...] o Ato Institucional n.5, O AI-5, autorizando o governo, entre outras medidas ditatoriais, a decretar em caráter excepcional, isto é, sem apreciação judicial, o recesso do Congresso Nacional, a intervenção nos estados e municípios, a cassação de mandatos parlamentares, a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão, o confisco dos bens considerados ilícitos e a suspensão da garantia do habeas corpus, o que, na prática, permitia a tortura e o abuso contra os presos.

Este Ato, que aumentava ainda mais os poderes do executivo e subjugava o legislativo e judiciário, teve grande duração, sendo utilizado nas gestões dos governos Médici e Geisel. O clima de terror e repressão que inundou o país, gerava inquietações e agitações na sociedade civil e conseqüentemente preocupava a linha-dura que comandava o país, pois ao invadir até mesmo as igrejas, aumentava ainda mais o sentimento de insatisfação e de justiça.

Afirma Edu Lobo - cantor, compositor e filho de Fernando Lobo – que antes do AI-5, apesar de instaurada a Ditadura, ainda se tinha uma certa liberdade de expressão no conteúdo das letras das músicas, que explicitavam as opiniões sem disfarces ou medo de represálias, porém depois do AI-5 muita coisa foi proibida, a censura nas músicas era severa, e por isso, em uma viagem a trabalho, aliando o

desejo de estudar fora com o clima de terror que tomava o Brasil, ele decidiu passar um certo tempo no exterior, voltando mais tarde para visitar a família e amigos, bem como, para buscar inspiração para suas próximas canções, e, sem dúvida alguma, os episódios aqui vividos eram fontes de inspiração seguras para composição musical.

O sucessor de Costa e Silva foi o General Emílio Garrastazu Médici. Candidato indicado pelas forças armadas comandou o país de outubro de 69 a março de 74 e teve seu mandato marcado pelo fechamento político e o “milagre econômico”. O discurso pregado por ele se mostrava um tanto quanto contraditório, uma vez que, ao mesmo tempo em que pregava pela justiça, democracia e desenvolvimento social, colocava antes de qualquer coisa o Ato Institucional nº 5. Fazendo algo praticamente impossível: falar em democracia quando se supervalorizava um Ato tão perverso e ditatorial. Suas ações terminavam por distanciar cada vez mais o discurso de sua prática.

As ações governamentais tomadas por Médici sempre demonstravam quão grande era sua preocupação em conter a oposição da sociedade, repreendendo-a das mais variadas formas possíveis. Em um Decreto-Lei assinado em 11 de novembro de 1971, de número 69.534, se autorizava o Presidente a fazer decretos sigilosos, seus conteúdos não eram divulgados e as pessoas podiam ser presas por violar leis que elas próprias não conheciam. O silêncio pairou sobre a sociedade brasileira, os jornais foram submetidos ao aval do exército, as notícias que de alguma forma instigavam reflexões e denúncias eram repreendidas e vetadas da publicação.

O “Milagre Econômico” que se concretizou apenas para alguns, muito serviu para iludir uma grande parte da população brasileira, contribuindo para auferir lucros aos produtores industriais e aumentando rapidamente os valores da dívida externa do país. O tempo de serviço e trabalho destinado a compra de determinados alimentos foi absurdamente alterado, como exemplo, Vieira (1985) afirma que em 1969 era preciso trabalhar 110 horas e 23 minutos para comprar certa quantidade de alimentos, em 1973 eram necessárias, para comprar a mesma quantidade de alimentos 147 horas e 4 minutos. E em nome do Milagre que se pregava a classe trabalhadora precisava trabalhar mais para comer.

Ernesto Geisel, o quarto general a comandar o país, é por muitos considerado o presidente mais autoritário do regime militar. À frente do país de março de 74 a

março de 79, Geisel iniciou seu governo em meio a crise econômica devido principalmente a crise do petróleo iniciada em 1973, porém a repressão que era tão presente no governo que o antecedeu, sob suas ordens foi amenizada.

Muitos deputados, senadores, vereadores foram por ele cassados, a tal abertura política foi paulatinamente tomando espaço, pois muitos partidos começaram a ser organizados, porém o presidente não concordava com a criação de partidos muito pequenos, considerando-os como pouco influentes. Tomou algumas medidas que muito se assemelhavam com o AI-5, com a justificativa de defesa da população brasileira, declarou o Estado de Sítio e Estado de Emergência no país.

Geisel encontrou grande resistência de instituições como a Igreja Católica, a Associação de imprensa e também da Ordem dos Advogados do Brasil, esta última chegando até a defender presos políticos e a denunciar as prisões ilegais. As ações de cunho econômico que eram planejadas objetivavam transformar o Brasil em uma grande potência mundial, mas a cada dia a situação da classe menos favorecida se via decadente e a pequena parcela da população que concentrava grande quantidade de renda, avantajavam suas economias. Esclarece Vieira (1985, p.51) que

Ao fim de seu governo, o General Geisel tinha proclamado o seu herdeiro para a Presidência da República, General João Baptista Figueiredo. As pessoas tinham conquistado o direito de *habeas-corpus* para o que se considerava crime político. Conquistaram ainda o direito elementar de não ser preso, sem acusação ou ordem judicial. Os juízes conquistaram o direito de julgar, sem passar por maiores pressões. A crise econômica, porém, principiava o seu galope em direção ao infinito, para a tristeza dos trabalhadores brasileiros.

O último dos militares a governar o país durante este período foi João Baptista Figueiredo, no período compreendido entre março de 1979 a março e 1985. Ao iniciar os seis anos de governo, Figueiredo não poderia fazer diferente dos demais companheiros que o antecederam: Falou sobre a necessidade da democracia, sobre melhoras na economia brasileira, nas condições da classe trabalhadora, etc.

Ainda de acordo com Vieira (1985), ao iniciar suas ações, ele promulgou em 1979 a lei da Anistia Política que permitiu a volta dos muitos brasileiros exilados,

possibilitou também a reforma partidária que contribuiu para o surgimento de vários partidos políticos, cada um com seus ideais e tendências. Alguns autores afirmam que Figueiredo iniciou seu governo em meio a crise da Ditadura Militar, pois depois de todo o terror e repressão que pairava sobre o país, a população já começava a ir às ruas novamente reivindicando dias melhores.

E neste clima de mudanças e melhorias a sucessão do governo, por pressões populares e partidárias passa a ser disputada através das Diretas-já, e no embate entre o candidato do presidente - Paulo Maluf Salim – e o candidato da frente democrática – Tancredo Neves – este último leva a melhor, marcando o “fim” do ciclo de 21 anos de poder concentrado e sob as guardas dos militares.

3. APANHADO HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO NO ESTADO MILITAR

Antes de iniciar o debate sobre Educação Física e Ditadura Militar no Brasil se faz necessário enfatizar, de um modo geral, como a Educação institucionalizada se apresentou dentro do contexto social brasileiro no período em questão. Como o próprio nome já diz, falar em Educação Física é, antes de mais nada, falar de “Educação” e, portanto, um pequeno apanhado histórico acerca desta, será imprescindível para compreensão e análise daquela.

Quando se fala em sociedade, por consequência, fala-se também em cultura, economia, educação, política, ética, etc., são estes e vários outros aspectos que permeiam e a constituem. Para que se obtenha um determinado modelo de sociedade, é preciso que estes vários aspectos estejam em consonância. Essa necessidade de interligação e dependência entre alguns destes fatores não se efetivou no país no início da década de 1960 – década em que foi iniciada a Ditadura Militar no Brasil – foi neste período que o Brasil encontrou-se inserido em uma grande contradição entre a ideologia política e o modelo econômico adotado e preconizado pelos governantes.

Segundo Aranha (1989), a ideologia política era o nacionalismo, com seus múltiplos aspectos: procura da identidade nacional, anseio de independência econômica, populismo, dentre outros. Já o modelo econômico, no entanto se internacionalizava cada vez mais e se submetia ao controle estrangeiro. Com o golpe militar em 1964, é feita a opção de liquidar de uma vez por todas o nacional-desenvolvimentismo e adaptar-se ao capital estrangeiro, terminando por ajustar a ideologia política ao modelo econômico vigente.

Como foi falado anteriormente, para que um determinado modelo de sociedade seja concretizado é necessário que os diversos fatores que permeiam a sociedade estejam direcionados para o mesmo rumo e, por isso, a Educação - fator determinante para estruturação de uma sociedade - não poderia apenas figurar no cenário nacional, ela deveria ser moldada e conformada a fim de atender cegamente aos interesses e anseios do governo.

As decisões que foram tomadas, bem como, as imposições estabelecidas pelo governo brasileiro não passavam de estratégias, jogadas políticas, visando tão

somente à manutenção da ordem vigente, na qual preconizava-se aumentar ainda mais a distância que existia entre ricos e pobres. À classe trabalhadora coube o arrocho salarial, já às camadas médias e altas, parte da sociedade que fortalecia o consumo e como consequência gerava renda, coube o aumento do poder aquisitivo.

Com a finalidade de melhor compreensão de como fora o momento pelo qual passou a Educação durante o período da Ditadura, Romanelli (2000, p. 196) o divide em dois momentos distintos:

O primeiro corresponde àquele em que se implantou o regime e se traçou a política da recuperação econômica. Ao lado da contenção e da repressão, que bem caracterizaram essa fase, constatou-se uma aceleração do ritmo do crescimento da demanda social de educação, o que provocou, conseqüentemente, um agravamento da crise do sistema educacional, crise que já vinha de longe (...). O segundo momento começou com as medidas práticas, a curto prazo, tomadas pelo governo, para enfrentar a crise, momento que se consubstanciou, depois no delineamento de uma política de educação que já não via apenas a urgência de se resolverem problemas imediatos, ditados pela crise, o motivo para reformar o sistema educacional(...).

Ainda de acordo com esta autora, na primeira fase, com o aumento da demanda social de educação houve também uma expansão do ensino, mas dentro de certos limites, pois os gastos efetuados não poderiam comprometer a política econômica adotada. Mesmo aumentando a oferta ainda estava longe de se alcançar ou mesmo superar a demanda. Essa defasagem teve seu ponto alto quando se observou a quantidade de candidatos excedentes às vagas oferecidas para o nível superior de ensino.

No ano de 1967 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), uma tentativa frustrada de amenizar os efeitos causados pelas decisões governamentais. Com esse movimento a elite governista tinha por objetivo efetuar um processo de alfabetização que fosse politicamente neutro, que se mostrasse desligado da realidade brasileira, a justificativa utilizada para implantação desse movimento era a de que a renda estaria mal distribuída devido as desigualdades no grau de escolaridade da população. O insucesso desse movimento foi atestado quando ao serem analisados os índices de analfabetismo do país dez anos após sua instituição, constataram que eles haviam aumentado (ROSA, 2006, p.49).

Diante de todas estas situações algumas medidas legais foram sendo tomadas com o intuito de solucionar os problemas a curto e longo prazos. Uma dessas medidas foram os acordos do Ministério de Educação e Cultura (MEC) com a *Agency for international Development* (AID), os chamados acordos MEC-USAID. Esta agência americana tinha por objetivo dar assistência técnica e cooperação financeira ao sistema educacional brasileiro, uma tentativa de adequar a educação brasileira ao modelo econômico que se implantava no país. Estes convênios não foram aceitos pacificamente, provocaram bastantes protestos e serviram para agravar ainda mais a crise educacional instaurada.

Romanelli (2000) ainda afirma que outras medidas também foram efetivadas, como a formação da comissão Meira Matos. Esta comissão teve uma dupla função, primeiro de intervir nos focos de agitação e protestos estudantis e segundo de estudar a crise para por fim propor soluções. Os relatórios construídos por esta comissão só serviram para reforçar o que já havia sido proposto pelos acordos MEC-USAID. Pretendia-se, aos moldes americanos, transformar as escolas em empresas, centros de preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, dando à educação um caráter puramente técnico baseado na funcionalidade.

Além do relatório Meira Matos ainda surgiu um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho da Reforma Universitária. Como resultado dessas comissões de estudos vieram os decretos que aumentaram a quantidade de vagas para o ensino superior (Decreto-Lei 405, de 31 de dezembro de 1968, e 574, de 8 de maio de 1969), assim como, a contenção dos protestos estudantis (Decreto-Lei 477, de 11 de fevereiro de 1969) e por fim vieram influenciar também a criação das leis 5.540 de 28 de novembro de 1968, que fixou normas para organização e funcionalidade do ensino superior e a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, que reformou o ensino de primeiro e segundo graus.

O Decreto-Lei nº 477/69 teve por objetivo proibir toda e qualquer manifestação de caráter contestatórios e se aplicava a toda comunidade escolar: alunos, professores, funcionários. Para manter o controle e execução deste decreto o governo implantava "olheiros" dentro das instituições educacionais os chamados "dedo-duro", eram pessoas que vigiavam as ações, as conversas, conteúdos das aulas, programas de disciplinas e qualquer atitude subversiva era repreendida com prisões, torturas, expulsão e até mesmo a morte. Por medidas de segurança e controle total, muitos reitores foram exonerados dos cargos e em seus lugares foram

colocados militares, que muitas vezes nenhum conhecimento pedagógico possuíam, tudo em nome da ordem e manutenção de poder.

A reforma universitária, proposta na Lei 5.540/68, criou a departamentalização das universidades, a matrícula por disciplina, parcelou os cursos em crédito, adotou o vestibular classificatório “eliminando” o problema dos excedentes. Todas essas ações apresentavam-se como uma tentativa de esclarecer o ilusório interesse do governo para com a educação do chamado 3º grau, porém, na verdade o que se pretendia com a criação desta lei era a desmobilização da comunidade escolar. A matrícula por disciplina, assim como, a departamentalização impedia que grupos de alunos e professores se reunissem por afinidades político-ideológicas, o objetivo era desarticular cada vez mais as parcelas da sociedade que apresentavam uma maior capacidade de reflexão e ação diante da realidade que se firmava. (Guiraldelli Jr., 2001, p. 175).

Cunha e Góes (2002), afirmam que alunos de cursos diferentes e, portanto, com objetivos diferentes, eram amontoados nas salas de aula para estudarem uma mesma disciplina. Não é difícil se imaginar a bagunça em que esta medida tenha se transformado, como alunos de pedagogia e engenharia poderiam estudar juntos estatística, por exemplo, se seus objetivos para com esta área de conhecimento eram totalmente divergentes?

Na verdade a universidade moldou-se para atender ao que realmente preconizavam os técnicos americanos, torná-la um espaço burocrático que mais se assemelha com uma empresa e nesse espaço a Educação se tornaria um negócio, uma mercadoria. Tudo passou a ser organizado baseado nos princípios de fragmentação, parcelamento das ações e trabalhos dentro da universidade. “A grande oferta de disciplinas e o conseqüente inchaço dos currículos seriam meios de tomar o tempo livre dos estudantes e impedir que estes pudessem se organizar” (Ghiraldelli Jr., 2001, p.175). O estudante agora acumularia créditos que iriam sendo somados até conseguir a formatura, nas universidades particulares as disciplinas acabavam se transformando em débitos, quanto maior a quantidade delas maior o valor a ser pago.

Já para os ensino de 1º e 2º graus, de acordo com Romanelli (2000, p.235), a lei 5.692/71 fixa como objetivo geral da educação em seu artigo primeiro o seguinte texto:

Art. 1º - O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

O ensino passaria a ser profissionalizante e para isso foram incluídas algumas disciplinas para o 2º grau, como: artes industriais, técnicas agrícolas, técnicas comerciais, educação para o lar. A proposta poderia até contribuir, se estas disciplinas não tivessem sido assumidas por pessoas despreparadas, que ensinavam artes manuais ao invés de industriais.

Para concretização dos objetivos governamentais, Aranha (1989), esclarece que as principais medidas tomadas foram: a obrigatoriedade escolar de 4 para 8 anos com a aglutinação do antigo primário com o ginásio, suprimindo os exames de admissão que eram responsáveis pela seletividade, extinguiu a separação entre a escola secundária e a escola técnica, já que é criada a escola única profissionalizante e para aqueles que não puderam concluir os estudos regulares foi reestruturado o curso supletivo. Com este salto enorme na escolaridade, segundo Cunha e Góes (2002), o Brasil deixava de ter uma das mais baixas exigências de escolaridade obrigatória, para ter uma das mais altas do mundo. Era o tempo do "Brasil Grande", que teve como resultado um aumento do número de analfabetos no país.

Aranha (1989) ainda relata que foram incluídas, como matérias obrigatórias, Educação Física, Educação Moral e Cívica, Educação Artística, Programa de Saúde e, de forma optativa para o aluno, Religião. A Educação Moral e Cívica que havia sido abolida desde a Constituição de 1946, ficando seus ensinamentos a cargo da família, associações, religião, etc., agora passava a ser obrigatória. De acordo com Cunha e Góes (2002), foi feita uma tentativa de imposição desta disciplina por Costa e Silva, que encontrou resistência principalmente em Anísio Teixeira e Durmeval Trigueiro, contudo em 1966 o general Castelo Branco emitiu um decreto e designou ao Ministério da Educação a sua obrigatoriedade. Com a Educação Moral e Cívica pretendia-se preencher o "vácuo ideológico" deixado na mente dos jovens, para que não fosse preenchido pelas "insinuações materialistas esquerdistas". Para o ensino superior ela apresentou-se disfarçadamente com o nome de "Estudo de Problemas Brasileiros".

Com estas alterações algumas disciplinas desapareceram alegando-se “falta de espaço” no currículo, como é o caso de Filosofia no 2º grau, e outras foram aglutinadas como História e Geografia que se tornam os chamados Estudos Sociais no 1º grau.

Fazendo-se uma rápida análise dos acontecimentos que foram sendo desencadeados após o golpe, não é difícil perceber que nada aconteceu por acaso. As medidas eram pensadas cautelosamente e correspondiam cegamente aos anseios da nova sociedade que se pretendia firmar no cenário nacional. Não foi por um descuido que a disciplina “Filosofia” acabou sendo excluída do currículo do 2º e 3º graus. Teoricamente essa seria uma disciplina bastante perigosa, uma vez que levando os alunos a refletirem e pensarem criticamente sobre a sociedade poderiam ameaçar e colocar em risco os anseios governamentais. Por isso essa disciplina deu lugar à outra chamada “Educação Moral e Cívica” que deveria despertar nos alunos o desejo de amor à pátria, alertando-os para o bom cumprimento de ações cívicas.

De acordo com Ubiratan Rosa (1981, p.16),

A Educação Moral e Cívica no Brasil, portanto, inspirada nas grandes linhas da Constituição Nacional, terá como objetivo a formação de cidadãos conscientes, solidários, responsáveis e livres, chamados a participar do imenso esforço de desenvolvimento integral que nossa Pátria empreende, atualmente, para construção de uma sociedade democrática, que realiza seu próprio progresso, mediante o crescimento humano, moral, econômico e cultural das pessoas que a compõem.

Analisando o fragmento acima se percebe que teoricamente os interesses da implantação desta área de conhecimento, que segundo o mesmo autor ora se apresentava como disciplina e ora como atividade educativa, eram os mais puros e democráticos possíveis, por outro lado a real necessidade de se obrigar este estudo era mais uma forma de manter o controle da situação. Isso é provado quando se afirma que para a Educação Básica era preciso que professores “competentes” assumissem a disciplina e que esta fosse ministrada – ou como atividade ou disciplina – em todos os anos, já no ensino superior era denominada “Estudo de Problemas Brasileiros” e sua obrigatoriedade era de apenas em dois semestres.

Considerando que dentro da Universidade o nível de maturidade e a capacidade de reflexão dos alunos é bem mais marcante, será que realmente era de interesse do governo fazer com que os alunos pensassem sobre os problemas brasileiros? Então porque controlar as organizações estudantis? Os movimentos? São ações contraditórias que acabam contradizendo e revelando os bastidores da encenação que se propagava no país.

A autora mostra-nos também o que realmente estas mudanças trouxeram para a educação. Primeiro, a tentativa de obrigatoriedade de oito anos era muito boa, porém não existiam recursos humanos e materiais. A profissionalização não se efetivou também pela falta de estrutura e de profissionais qualificados, tendo a escola que lançar no mercado uma gama de profissionais mal preparados, ofertando mão-de-obra barata. Isso acontecia na escola pública que era destinada aos filhos da classe trabalhadora, porque para a elite, as escolas particulares, formalmente, afirmavam atender às exigências da lei, quando na verdade preparavam os alunos para o vestibular, dando-lhes melhores oportunidades de crescimento profissional.

Portanto, a tentativa de demonstrar igualdade de oportunidades caía por terra, pois, ao final, quem dava continuidade a formação estudantil ingressando nas melhores universidades, eram os filhos da elite. Para os mais pobres restavam-lhe as universidades privadas que surgiam com condições humanas e materiais precárias para funcionamento, sendo mais instrumento burguês de arrecadação de lucro.

O que muito chama atenção nestas novas leis implantadas com certeza é o caráter tecnocrático que elas apresentam, chegando a se sobrepor aos valores pedagógicos. A valorização exacerbada da técnica, totalmente desconecta da realidade vivenciada, acabava gerando profissionais despolitizados que só contribuíam para o fortalecimento das estruturas de poder estabelecidas e distanciavam-se cada vez mais da participação democrática. (ARANHA, 1989, p. 258).

Acerca do que preconizavam as leis de reforma para o 1º, 2º e 3º graus, Germano (1994, p.104) faz a seguinte colocação “Entendemos tais reformas como fragmentos de uma ‘revolução passiva’, pois, além de não contar com a participação da sociedade civil, visavam ainda (...) desmobilizar ‘eventuais movimentos neste campo’.”

O mesmo autor ainda afirma que em síntese a política educacional se desenvolveu em torno do seguinte eixo: controle político e ideológico da educação escolar em todos os níveis, aproximando cada vez mais educação e produção capitalista, incentivando as pesquisas vinculadas à acumulação de capital e principalmente com um descomprometimento com o financiamento de uma educação pública e gratuita.

Cientes de que eram nas escolas de nível superior que se concentravam parte da população com discurso crítico e reivindicatório, pessoas com uma capacidade de organização e mobilização, o Ato Institucional nº5 (AI-5) em 1968, juntamente com o Decreto-Lei 477/68 extirparam as possibilidades de um movimento fundamentado em bases legais, submetendo os estudantes ao controle rígido e ditatorial do Governo.

Analisando todos os fatos acima citados, percebo que a Educação, assim como já se pregava desde os tempos coloniais, estava subordinada aos anseios de uma elite governante, que almejava manter a ordem por eles estabelecidas e para isso não poderia oferecer conhecimentos àqueles que deveriam permanecer submissos às suas decisões. As reformas nada mais eram que manobras políticas com o intuito de coibir o pensamento crítico e mesmo democrático da comunidade escolar, uma forma de conseguir mão-de-obra qualificada e barata para as indústrias que naquele momento se instalavam.

José Willington Germano (1994) divide a política educacional do Regime Militar em dois momentos distintos. No primeiro (1964 – 1974) tempo de consolidação e auge do Regime, foram definidas as reformas de ensino superior e do ensino do 1º e 2º graus, visava-se democratizar o acesso à educação escolar fornecendo a todos uma igualdade de oportunidades perante o mercado de trabalho. No segundo período (1975 – 1985) define-se como tempo de crise econômica e política, momento em que a política educacional tece críticas severas a concentração de rendas e se propõe a solucionar este problema na medida em que o sistema educacional poderia consolidar a geração de emprego e renda.

Este autor ainda enfatiza que estas propostas só ocorreram no discurso, porque na prática a política educacional pós-64 caracterizou-se por se constituir num mecanismo de exclusão social, pois a educação tornou-se uma mercadoria de alto custo. Isso é provado quando se observa em 1984 o nível de escolaridade da população economicamente ativa, 60,6% desta encaixavam-se entre os que nunca

estudaram ou que cursaram apenas o chamado estudo primário. E ainda era lamentável a situação dos professores de 1º e 2º graus, com o passar do tempo os seus salários foram desvalorizados, as condições de trabalho eram precárias e a formação profissional decaiu muito e conseqüentemente o nível de ensino e preparo dos alunos era cada vez menor. Nem todos tinham o privilégio de freqüentar a escola e aqueles que isso faziam ainda não tinham garantido um ensino de qualidade que lhes desse condições de viver dignamente.

A política educacional brasileira neste período esteve intimamente ligada à política social, econômica, com as lutas de classe e, principalmente, manteve-se subordinada às decisões planejadas e impostas pelos militares que revezaram o poder durante estes 21 anos. As forças armadas, notadamente do exército, que até então eram apenas um braço do Estado tiveram em suas mãos o poder de decidir e impor o que lhes era conveniente.

Não é difícil perceber que o interesse do governo brasileiro após o golpe de 1964 era conseguir desenvolver o capitalismo no país, na tentativa de torná-lo uma potência no cenário mundial. Para isso aceitou a intervenção americana que focada principalmente nos resultados quantitativos, buscou soluções e propostas que obtivessem maiores rendimentos com a menor aplicação de recursos, soluções estas que não ousassem a modificar a ordem sócio-político-econômica existente.

Enfim, após ter saído de um tempo de repressão no Estado Novo (1937 – 1945), nos anos de 50 e 60 os educadores começaram a estudar o mundo, não ficaram mais presos nas salas, buscaram compreender todo o contexto que os envolvia, era o início de um novo tempo. Essa nova postura tem como grande representante o autor Paulo Freire, que com suas produções almejava incentivar a construção da consciência crítica nos cidadãos. Porém o populismo revolucionário e sindicalista que ia se consolidando no início da década de 1960 saiu de cena e deu lugar a um novo estado Tecnocrático- civil-militar (CUNHA e GÓES, 2002, p.10).

4. FALANDO SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

Fazendo uma rápida viagem na história, percebe-se que os interesses pelos quais as civilizações foram levadas a praticar exercícios físicos são diversos, desde a necessidade de aprimoramento dos gestos, da resistência, velocidade, de culto à beleza exterior, preparação militar, saúde, dentre outros. De acordo com o Coletivo de Autores (2009), uma determinada prática pedagógica surge a partir de necessidades sociais concretas e sendo a Educação Física também uma prática pedagógica, ela também floresceu de necessidades concretas que provocam entendimentos nos diversos momentos históricos.

No contexto escolar os exercícios físicos foram introduzidos na Europa ao final do século XVIII e início do século XX na forma de jogos, ginástica, dança, equitação. Alguns estudiosos como Guths Muths, J. B. Basedow, J.J. Rousseau, Pestalozzi, através de seus escritos contribuíram para inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares, e juntamente com o surgimento das Escolas de Ginástica na Alemanha, representaram grande feito para que essa inclusão se efetivasse. Mais tarde, na forma de associações livres, essas escolas de ginástica foram se difundindo para outros países na Europa e da América. Dessa forma inicia-se um processo de incentivo e pressão para inclusão da educação física no ensino formal, através das práticas de ginástica. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p.50-52).

No Brasil as atividades físicas realizadas por nossos primeiros habitantes, em muito se assemelhavam com aquelas desempenhadas na pré-história, uma vez que eles não utilizavam metais, ainda se encontravam na idade da pedra, e as atividades que desempenhavam eram destinadas a garantir sua sobrevivência. A condição de nomadismo em que eles viviam tornavam impossíveis os momentos de ócio que poderiam contribuir para a prática e criação de atividades esportivas. Com a chegada dos Jesuítas que destinavam suas manhãs à catequização e suas tardes à prática de atividades físicas com os índios, inicia-se uma história da Educação Física que só veio firmar-se no cenário nacional após a chegada da Família Real. Ao chegarem ao Brasil, a Família Real dá início a um processo de desenvolvimento cultural, com interesses e tendências dominantes, e dentre os seus feitos, trazem ao país os primeiros livros que abordavam a gravidez, puericultura e eugenia, e tornam

obrigatória a prática de ginástica nas escolas da corte. (OLIVEIRA, Victor. 2004, p. 23 – 24).

Posteriormente, a ginástica foi introduzida na legislação com a proposição de se utilizar a ginástica alemã, que havia sido adotada pelos militares, e não provocou grandes estímulos de cunho pedagógico, uma vez que era ministrada por militares e apresentava-se como instrumento de adestramento e não como mais um elemento de aprimoramento da educação. (OLIVEIRA, Victor, 2004, p.24).

Desde então, e por muito tempo, a Educação Física foi percebida não como uma área de conhecimento que pudesse contribuir para formação educacional dos alunos, mas simplesmente como um meio de educar o físico, dentro do que hoje os estudiosos chamam de paradigma da aptidão física. O remo, a primeira prática esportiva utilizada no Brasil, foi por muito tempo uma atividade exclusiva e imperante, praticada pela classe dominante, essa realidade só veio a modificar-se a partir do fim do séc. XIX, em 1894, quando o futebol é importado da Inglaterra e na década de 30 do século seguinte tornar-se uma atividade soberana de prática inicialmente da classe dominante, contudo rapidamente se popularizou.

De acordo com Victor Marinho (2004), nesta década foi criada uma escola de formação de professores de Educação Física no Rio de Janeiro, e a partir de então o esporte que já despertava o interesse da população passou a ser um fenômeno social. No final da década, no Estado Novo a Educação Física, com seu caráter extremamente “esportivizado”, passa a ser um verdadeiro aparelho ideológico do Estado. Esse contexto perdurou por muito tempo uma vez que o bom resultado do país nas competições sul e pan-americanas só contribuíram para sua valorização.

Mais tarde, movimentos e campanhas como o: “Mexa-se”, “Esporte para Todos”, aparecem como meios de propagação esportiva. É importante ressaltar que durante todo esse percurso histórico a Educação Física trilhou caminhos e foi compreendida sobre diferentes concepções, desde seu caráter higienista - com preocupação central nos hábitos de higiene e saúde-, militarista - com objetivos de formar uma geração de “filhos da pátria” capazes de suportar o combate e a guerra- a pedagogicista – que aparece após a Segunda Guerra a partir de um modelo americano que considera a Educação Física não mais como uma prática que pode promover a saúde ou mesmo tornar a juventude uma parcela disciplinada, mas como uma prática educativa, essa última proposta não encontrou solo fértil no campo prático e ficou restrito a teorias e discursos, até chegar a tendência

predominante no período do Regime Militar instaurado em 1964 e que se pretende enfatizar neste estudo: uma Educação Física pautada em interesses competitivos, que prioriza acima de tudo o desporto de alto-rendimento.

Segundo Ghiraldelli Jr. (1988), durante a ditadura militar (1964-1984) a tendência que caracterizava a Educação Física no cenário brasileiro era a “competitivista”, na qual o objetivo principal era a superação individual enquanto valores fundamentais. A Educação Física era sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de *performance*. Dentro do contexto político em que se encontrava mergulhado o país, essas ações nada mais eram do que um arcabouço da ideologia dominante, uma forma de desarticulação social, era preciso alienar a população, eliminar todas as formas possíveis de organização, pois se isso acontecesse poderia se colocar em “xeque” os interesses e o poder dos militares, por isso o culto ao atleta-herói, à individualidade se fizeram tão presentes.

Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1971 (5.692), elaborada por intelectuais a serviço do governo, a Educação Física aparece com obrigatoriedade no cenário educacional, mesmo que caracterizada como atividade e não como uma disciplina curricular. As práticas nas escolas se resumiam ao ensinamento de gestos técnicos de modalidades esportivas, pautados na repetição, reduzindo ao máximo as práticas corporais possíveis de serem desenvolvidas enquanto conteúdos da Educação Física.

Dentro deste contexto, os alunos e até mesmo os professores eram tidos como objetos, marionetes do governo, que iriam, através da utilização dos gestos técnicos, contribuir para melhoria da mão-de-obra e conseqüentemente das condições de força de trabalho. Para o Estado, seres críticos e contestadores eram dispensáveis, tudo que se queria era uma “massa de manobra”, seres totalmente esvaziados de subjetividade e bagagem cultural, que aceitassem passivamente as determinações do governo.

Para Marcus Oliveira (2002), o governo autoritário instalado no Brasil após 1964, na tentativa de consolidar sua ideologia, fez uso das atividades desportivas (e da Educação Física de um modo geral) com a finalidade de anestesiar a consciência e amainar a participação popular nos processos reivindicatórios e decisórios. Consolidando uma abordagem de Educação Física pouco contestada pelos profissionais da área.

Em “Raízes Europeias e Brasil”, Carmen Soares (1994) afirma que a Educação Física já nasceu com um caráter utilitário e tecnicista, com propósitos de produtividade. O governo ditatorial brasileiro, neste sentido, utilizou-se de sua vulnerabilidade e a impulsionou a efetivar-se como uma prática condizente com seus objetivos e interesses.

De acordo com Saviani *apud* Castellani (1988), em 1964, ano em que se iniciou a Ditadura Militar no Brasil, a educação encontrava-se regida pela Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024 de 1961. Esta Lei restringiu-se a tratar da organização escolar, prendendo-se apenas a regular e controlar o funcionamento daquilo que já estava implantado. Os verdadeiros problemas educacionais permaneceram intocados e a educação popular sequer foi considerada. A organização escolar manteve-se simplesmente como um aparelho reprodutor das relações sociais vigentes.

Ainda de acordo com o mesmo autor, nas leis promulgadas em seguida - Lei nº 5.540/68 (Lei da Reforma Universitária) e Lei nº 5.962/71 – os objetivos da Lei anterior não foram revogados, e o caráter liberalista que regia esta Lei deu lugar a uma tendência essencialmente tecnicista, que veio a configurar-se como preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando assegurar o desenvolvimento e uma mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada. Esses objetivos podem ser claramente exemplificados quando se observa o Decreto nº 69.450/71, que em seu artigo 1º refere-se à Educação Física como sendo “...Atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando...”, o que enfatiza a redução da disciplina a uma “atividade” que se encerra em seu fazer prático e se abstém de uma reflexão teórica ou mesmo crítica.

Como forma de “ludibriar” a sociedade, as propagandas alertavam sobre a importância de se praticar uma atividade física. A legislação esportiva brasileira afirma ser um dos seus objetivos básicos o aprimoramento da aptidão física da população. Isso chega ao ápice quando no início da década de 70 o movimento EPT (Esporte Para Todos) começa a ganhar espaço na tentativa de convencer os segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira de que o milagre econômico do início da década tinha sido mérito social e, portanto, o acesso a atividades físicas e de lazer até então negado, seria um exemplo do avanço.

(CASTELLANI FILHO, 1988, p.116).

Ao analisar o período da Ditadura Militar no Brasil, percebe-se que ao mesmo tempo em que os governos impuseram e represaram eles encontraram também muita resistência. Após a Educação Física ter sido considerada obrigatória para os chamados na época, ensino primário e médio a partir da Lei nº 4.024/61, foi aproximadamente oito anos mais tarde - em julho de 1969 - através do Decreto-lei nº705/69 que esta se tornou obrigatória também no ensino superior. Sua função acabou sendo de colaborar, através de seu caráter lúdico esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa e rearticulação política do movimento estudantil. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.119-121).

Contrariando os objetivos ditatoriais do período em questão, os estudantes sempre se colocaram no cenário como forma de resistência às ações perversas impostas pelos governos e por isso sofreram grandes retaliações e chegaram a ter suas atividades suspensas, com punições severas aos que se mostrassem resistentes às medidas impostas. Após 1966, todas as instâncias de representação estudantil foram submetidas às decisões do MEC (Ministério de Educação e Cultura) e como conseqüência foram meios de concretização dos anseios do governo. Mesmo diante de todos estes atos terroristas apregoados, muitos estudantes passaram a se encontrar e esquematizar manifestações na clandestinidade.

A Educação Física neste momento apresentava-se como uma mera atividade que se encerra em sua prática, voltada para aptidão física e despida de um referencial teórico ou mesmo reflexivo, e, portanto, não representaria ameaça alguma a ordem estabelecida. Então, era mais do que sensato, torná-la essencial ao currículo escolar, era, sem dúvida alguma, mais um meio de controle e alienação.

Em épocas passadas a classe dos professores era composta por pessoas da classe média e alta que detinham grande status ao assumir tal posto dentro da sociedade, porém durante a Ditadura este quadro foi se moldando a partir dos anseios governamentais, para se levar Educação a mais pessoas em menos tempo. Era preciso que as formações fossem mais curtas, mais rápidas e sendo assim apresentavam menor qualidade de formação profissional o que refletia numa menor qualidade também de formação educacional da comunidade estudantil dependente do ensino público, portanto os filhos da classe proletária, tudo isso desencadeava uma qualidade de ensino deteriorada uma vez que os números eram o fator mais preponderante.

Uma prova disso é a Copa de 70. A letra da música Pra Frente Brasil “90 milhões em ação pra frente Brasil do meu coração...” demonstrava que o Brasil estava no caminho certo, era preciso que todos se unissem, pois as vitórias no futebol representavam o sucesso do país, que estava a caminho de conseguir ser uma grande potência no cenário mundial. De acordo com Almeida e Weis (1998), entre os 90 milhões que realmente se colocavam a frente da televisão e rádios para se deliciarem com as jogadas fantásticas de Pelé, Rivelino, Tostão e toda aquela seleção maravilhosa, existia uma minoria esclarecida, pertencente a classe média esclarecida e até intelectualizada que, por mais que lhe partisse o coração, torciam contra o Brasil, esta era uma forma de protesto e repúdio ao governo que a cada vitória brasileira aparecia na mídia festejando e desviando a atenção da população da real situação que pairava sobre o país.

Somente a partir da década de 80 começaram a surgir novos pensamentos e teorias que vêem a Educação Física como uma disciplina que possa contribuir para formação do ser humano, não somente do ponto de vista físico, mas sim de forma integral e culturalmente contextualizada.

Foi por volta desta década também que os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física foram implantados no país. E ao somar estas implantações com o não êxito do país nas competições do cenário mundial, resultou em um avanço significativo no debate e discussões acerca da disciplina Educação Física. E a partir de então têm crescido bastante o número de produções que tratam de outras questões importantes da Educação Física que não seja somente a preocupação com uma prática que se encerra em si mesma, tornando-a desprezível ao núcleo comum de disciplinas curriculares consideradas essenciais.

A tendência militarista que predominou na Educação Física durante este período, reduziu-a ao desporto de alto-nível, desvinculada de uma prática político-social, e nesta tentativa de disciplinar os corpos seu objetivo primordial era a superação dos limites individuais e como afirma Ghiraldelli Jr. (2001), o culto ao “Atleta-herói”, era uma forma de mostrar que apesar de todas as dificuldades era possível chegar ao *podium*, e isso era realmente o interesse do governo, mostrar que mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais passavam o país, o Brasil ainda seria uma grande potência no cenário mundial.

5. AS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NESTE PERÍODO EM CAMPO FORMOSO- BAHIA

A partir deste momento irei tratar especificamente de como todo este contexto anteriormente abordado acerca da Educação e Educação Física institucionalizada, no referido período, fora percebido e até mesmo abordados na cidade de Campo Formoso - Bahia. Para isso irei valer-me de entrevistas, fotografias, documentos etc.

5.1 INFLUÊNCIAS MILITARES NA CIDADE DE CAMPO FORMOSO - BA

Em conversa com um memorialista da cidade, o senhor José Freitas – Licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB, autor de três livros que tratam da história local, livros estes que abordam a história em um período que antecede o momento ora estudado - que durante este período era funcionário público municipal atuante na câmara de vereadores, fui informada de que a população campoformosense, assim como a das cidades circunvizinhas, aceitaram pacificamente o golpe dos generais e mais, festejavam alegremente a revolução de 64. Ele se refere a população baiana como um povo pacífico, conservador, reacionário e atrasado. Segundo o mesmo, na cidade existiam dois partidos políticos, ARENA I e ARENA II, como o próprio nome já denuncia, ambos aliados e submissos ao governo militar, o movimento democrático só chegou na cidade por volta de 1986 quando o Regime já havia terminado.

De acordo com ele, durante todo o período do regime apenas um vereador da cidade foi cassado por ser considerado subversivo, mas não existia nada organizado como forma de protesto ao governo. Ainda comenta que um deputado da cidade fora eleito em 1962, contudo na eleição que se sucedeu não quis se candidatar por conta do poder decisório que lhes era retirado, pois em vários momentos eles eram forçados a cassar mandatos de colegas sem justificativa alguma, com o intuito de atender as decisões e interesses dos representantes que, em se falando de poder, acima se colocavam. Nos colégios que aqui existiam os alunos eram forçados a cultivar o espírito de civismo e em todas as manhãs ao chegarem ao colégio cantavam músicas que impulsionavam a nação "O Brasil é um país que vai pra

frente...”, a culminância do patriotismo acontecia nos desfiles cívicos, organizados e preparados para emocionar toda a cidade.

Um outro cidadão, que se viu inserido no contexto em estudo, ora como aluno, ora como professor afirmou que tiveram alguns acontecimentos importantes nesta época, pois professores foram detidos para averiguação, associações rurais foram espionadas por um integrante do exército que se disfarçou de professor de Educação Moral e Cívica, além disso também foi citado por ele que juntamente com a Moral e Cívica também foi inserida a Organização Social Política Brasileira (OSPB) e ambas tinham por objetivos formar os alunos dentro dos parâmetros que a organização militarista pretendia, na qual era negado ao aluno o direito de se expressar, opinar e o respeito e, às vezes, até o medo garantiam uma relação de poder entre o educador e o educando.

A realidade da maioria dos jovens campoformosenses era de alienação, para eles a Ditadura era algo bem distante, notícias de rádio - naquele momento um importante meio de comunicação - as manifestações dos estudantes eram vistas como causas impossíveis e até mesmo desnecessárias, uma minoria deles tinha um certo contato com idéias e reflexões políticas quando um colega retornava da capital baiana no período de férias e retratava aquilo que estava acontecendo. Ainda se sabe que existiam pessoas que mesmo discretamente repudiavam a ação dos militares e tinham uma visão crítica, reflexiva, liam livros proibidos que em épocas de vistoria nas casas em consequência de denúncias de subversão escondiam-nos até dentro de privadas, sentavam-se nos jardins e comentavam em baixo tom sobre aquilo que lhes incomodava.

5.1.1 A quem se destinavam as instituições educacionais?

A educação em Campo Formoso não fugia à regra da realidade brasileira, encontrava-se voltada para uma minoria dominante. Existiam pouquíssimas escolas para atenderem a demanda da comunidade. O ensino público atendia a uma parcela da população ofertando apenas o chamado Ensino Primário, na nomenclatura atual corresponde as séries do 1º ao 5º ano, em 1946 foi fundada uma instituição de ensino presbiteriana privada denominada “Ginásio Augusto Galvão” e mais tarde os católicos fundaram o “Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima”, também particular, portanto aqueles que tinham condições de arcar com as mensalidades, ou

enviar os filhos para outras cidades, poderiam proporcionar aos filhos a continuidade dos estudos, aqueles que não podiam, tiveram que esperar a criação da primeira instituição de ensino estadual fundada em 1974 e inaugurado em 1975 a “Escola Polivamente Roberto Santos”, hoje “Colégio Estadual Roberto Santos”.

Em entrevista com um ex-professor da época, descobri que depois da criação desta instituição a sede do município começou a crescer, principalmente a nível populacional, uma vez que, grande quantidade de pessoas que habitavam os distritos vendia alguns bens a fim de se estabilizarem na cidade e conseqüentemente darem continuidade aos estudos. A proposta desta escola tinha um cunho de profissionalização com disciplinas como: técnicas agrícolas, técnicas de industrialização, educação para o lar, dentre outras, porém não foi dado aos professores condições profissionais (cursos, capacitações, etc.) adequadas para assumirem estas disciplinas, sendo feito isso por afinidades e experiências da vida cotidiana.

Em termos mais gerais, essa era a realidade de Campo Formoso naquele momento com relação à Educação e Ditadura Militar, a partir de agora passarei a falar especificamente da Educação Física, para isso darei vez e voz aqueles que vivenciaram o momento: professores e alunos.

5.2 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS: CONCEPÇÕES, METODOLOGIAS DE ENSINO, CONTEÚDOS, RECURSOS MATERIAIS E ESPAÇOS FÍSICOS.

A partir de então descrevi as informações consideradas relevantes ao estudo em questão, que foram colhidas durante as entrevistas com professores e alunos que vivenciaram a Educação Física neste momento histórico. Ao tempo em que apresento algumas fotografias que exemplificam e comprovam algumas informações concedidas. A análise e interpretação dos dados, que de acordo com Marconi e Lakatos (2001), “se define como uma atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos, uma exposição do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema”, acontecerá paralelamente, considerando que é de suma importância relacionar as histórias locais com a realidade global onde esta encontra-se inserida.

5.2.1 As façanhas de um amante da Educação Física

No Ginásio Augusto Galvão, hoje Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, as aulas eram ministradas pelo senhor Aristarco de Oliveira Pires. Um cidadão Mundo Novense de nascimento, mas campofornosense de coração. Segundo o mesmo ele começou a lecionar esta disciplina por conta da necessidade do colégio de um professor e como ele tinha afinidade e era um cidadão com a vida fisicamente ativa, assumiu a função de professor tendo apenas o ensino primário. Mas a pouca escolaridade nada impedia dele desempenhar o seu trabalho com muito compromisso e responsabilidade, a foto ao lado

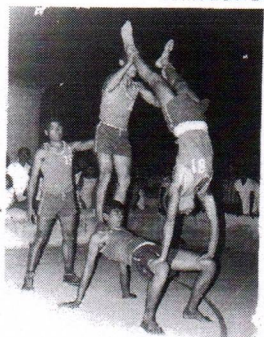


Figura 1. Alunos do Ginásio Augusto Galvão fazendo demonstrações de ginástica. Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

revela o desempenho dos alunos durante estas aulas, representando um pouco do que era trabalhado na disciplina.

Passados alguns anos de ensino, foi enviado para cidade um inspetor com o intuito de fiscalizar as atividades que eram desenvolvidas pelos professores de Educação Física e o método que estava sendo utilizado. Ao analisar as cadernetas ele percebeu alguns equívocos com relação ao conteúdo trabalhado nas aulas, pois em todas elas se via no lugar do conteúdo apenas o nome Educação Física, e à frente a assinatura do professor, porém ao observar uma aula prática ficou extasiado com todo aquele espetáculo desempenhado pelo professor e alunos. Nesta imagem os alunos, sobre os colchões, fazem atividades de rolamento, e podem expressar um pouco do que o inspetor observou.

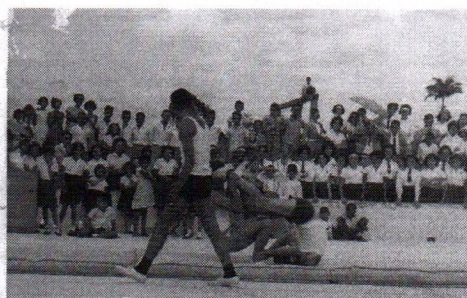


Figura 2. Alunos fazendo atividades de rolamento. Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

Mesmo percebendo a capacidade do professor, ele afirmou que era preciso que ele possuísse uma autorização da secretaria estadual de educação, sendo necessário fazer um curso de Educação Física. Como estes só existiam nas universidades do sudeste e sul brasileiro, ele conseguiu uma oportunidade de fazer um curso na academia militar em Salvador.

Isso aconteceu no ano de 1956 e após um seis meses de curso foi criado pelo Ministério da Educação e Cultura um curso de formação para professores de todas as disciplinas e dentro desta proposta foi criada a Divisão de Educação Física e a Inspetoria Seccional de Educação Física. Como requisito de ingresso precisava-se de um atestado de Aptidão Física que neste caso fora concedido pelo presidente de um clube de futebol da cidade, atestando seu desempenho nesta organização esportiva. A declaração provisória concedida pela Divisão de Educação Física com prazo de dois anos foi assinada pelo senhor Alfredo Colombo em 20 de agosto do mesmo ano (estes documentos encontram-se em anexo).

É através deste curso que o Professor Aristarco compreende o que o inspetor lhe questionava quanto aos conteúdos que não apareceram nas cadernetas, neste momento ele descobrira que os conteúdos da Educação Física eram calistenia, ginástica desportiva generalizada, método francês, dentre outros. Durante o curso, ele foi submetido a aulas e provas sobre cultura geral, que incluía português e ciências, e mesmo possuindo apenas o ensino primário dentre os sessenta alunos ele ocupou a décima colocação no desempenho das avaliações e dentro do conteúdo da Educação Física tornou-se o primeiro da turma, era capaz de mencionar todos os músculos do corpo humano com suas respectivas funções. E novamente pelo o seu desempenho surpreendente ele foi convidado a ministrar Educação Física para os oficiais com a patente de militar, convite que fora recusado devido ao compromisso firmado com o colégio que lecionava.

As demonstrações de ginástica que eram trabalhadas durante as aulas eram também apreciadas pela inspetoria seccional, que se deslocava da capital baiana para assistir ao espetáculo em Campo Formoso. Ritmados por músicas por ele mesmo compostas e cantadas, “Um e dois e lança e pega, um e dois e lança e pega, um e dois e lança e pega, um e dois e lá embaixo e sobe e pra colega e passa”, coreografavam o chamado “relógio sincopado”.

Nos jogos ginasiais que aconteciam envolvendo vários colégios da região, todo o esforço desempenhado durante as aulas era compensado com as inúmeras vitórias do colégio nas diversas modalidades esportivas. É importante ressaltar que todas as atividades propostas não eram só executadas pelos alunos, o professor realizava tudo que propunha para os alunos. A imagem ao lado mostra um pouco do que era



Figura 3. Alunos saltando por entre um arco nas demonstrações de ginástica.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

desenvolvido nestas demonstrações, nelas os alunos pulam por entre um arco e uma grande platéia os assiste.

As aulas aconteciam em turnos opostos, apenas nas áreas destinadas à prática de atividades, as salas de aula não eram utilizadas para tal finalidade. Os alunos e alunas faziam atividades separados, algumas vezes eram as mesmas, mas a curva de esforço variava de acordo com o sexo dos alunos, para as mulheres menos esforço e ainda tinham direito a uma dispensa por mês devido ao período menstrual. Todo o esforço desempenhado durante as aulas resultava também em viagens e excussões de trem para outras cidades e estados para participarem de jogos e campeonatos.

De acordo com Aristarco, a Educação Física era uma disciplina tão séria que se o aluno tivesse 30% de falta era levado à recuperação final tendo que fazer avaliações em todas as disciplinas, isso no mês de janeiro que seria destinado às férias. A cada início e final de ano era feito por um médico e o professor um exame biométrico, no qual apareciam as condições reais do aluno e o seu desempenho nos exames, este era um dos requisitos para a aprovação. Em anexo apresento um destes exames que apesar de conter data anterior ao período estudado foi utilizado pelo professor durante todo o tempo em que lecionou. Nele podemos encontrar dados que revelam quais testes de aptidão física eram realizados, como: salto em extensão, salto em altura, equilíbrio, arremesso, transporte de peso em equilíbrio sobre a cabeça, dentre outros.

Todo este contexto apresentado antecedeu um pouco o golpe de 1964 como também no pós-golpe e perdurou até o momento crítico da Ditadura. Em meio aos "anos de chumbo" quando os militares já tinham total poder em suas mãos, ele foi chamado em Salvador para ser ouvido, tendo sido questionado sobre sua documentação que lhe permitia lecionar Educação Física, o professor logo mostrou seu certificado e a declaração assinada por Alfredo Colombo, neste mesmo momento o militar afirmou que aquilo não tinha mais valor algum, e que seu objetivo ali era justamente consertar o Brasil e com aquele documento ele não poderia continuar ensinando. Retrucando as colocações do militar ele argumentou que na capital naquele momento só existiam uma meia dúzia de professores licenciados que conseguiram prosseguir os estudos por influências políticas, e que no interior da Bahia não tinha nenhum, portanto seria muito difícil obedecer à lei na falta de material humano para suprir as necessidades. Irritado o professor, mesmo com risco

de ser preso, questionou quem ele era, recebendo a resposta de que se tratava de um capitão do exército, ele novamente questionou se ele era professor de Educação Física, o capitão respondeu negativamente e teve como contra argumento “Então precisamos consertar o Brasil realmente porque o senhor veio comandar uma inspetoria de Educação Física e não tem uma formação mínima para isso?”

O professor Romeu, um dos responsáveis pela inspetoria, e ao seu lado estava, afirmou que Aristarco era o melhor professor do interior da Bahia, mas mesmo assim o capitão retrucou e deu-lhe o prazo de um mês para conseguir um curso. Com uma atitude politicamente correta o professor disse-lhe que ele podia cassar seus direitos, mas que dificilmente ele encontraria alguém habilitado para assumir o seu lugar e de outros tantos na Bahia, já que o próprio estado não oferecia condições de acesso ao ensino superior em Educação Física. Ameaçado de ser preso ele enfrentou e afirmou que não queria ser preso por roubar, matar, mas por querer cumprir com sua obrigação, questionando uma realidade complexa analisada de forma simplória, era um motivo bem leal.

Ao retornar a cidade ele obedeceu a ordem de cassação e não voltou mais a dar aulas. Em seu lugar foi colocado outro professor que tinha um nível de escolaridade mais elevado. Mas seus frutos brotaram, alunos que o reencontram o agradecem porque ao ingressarem na carreira militar só aperfeiçoaram aquilo que aprenderam com ele. Algo exposto em entrevista que hoje o entristece muito é o fato de que as pessoas não sabem nem ao menos cantar o Hino Nacional, as bandeiras ficam hasteadas dia e noite nos bancos e outros lugares sem nenhuma vigilância, coisas que foram tão cultuadas naquele tempo.

O professor revela que mesmo sendo bem valorizado financeiramente em seu novo emprego de chefe de departamento numa empresa da cidade, o que não acontecia no âmbito educacional, o amor que ele tinha à Educação Física fez com que seu trabalho fosse feito com compromisso, ele procurou se dedicar ao máximo, fazendo leituras, pesquisas, etc. O tempo de atuação foi suficiente para que ele fosse reconhecido pela Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC – 28) dez anos mais tarde, como grande contribuinte para o desenvolvimento da Educação Física em toda microrregião, também recebeu da Secretaria Municipal de Educação o título de melhor atleta de todos os tempos da cidade de Campo Formoso, além de todo o reconhecimento, carinho e respeito dos ex-alunos e comunidade escolar.

Com relação ao governo militar no Brasil ele afirma que este realmente “desgraçou” o país, pois se na Educação Física – área que eles tinham um certo conhecimento - tomaram inúmeras decisões sem ao menos terem conhecimento de causa, quanto mais nas demais áreas. Contudo apesar da superioridade do exército a tudo e a todos que influenciou bastante a sua vida profissional, o professor afirma que profissionalmente foram os tempos mais felizes de sua vida e tudo era feito com bastante amor, pois segundo o mesmo, todo trabalho que é feito com amor torna-se algo mais leve. Mesmo com os salários baixos, as lágrimas caíram ao ver-se distante daquilo que mais tinha prazer em fazer.

Ao perguntar sobre algo marcante nesta experiência, obtive como resposta que o respeito dos alunos para com os professores de qualquer disciplina era algo evidente, estando ou não dentro do ambiente escolar. Fazendo um comparativo com o ontem e o hoje Aristarco afirma que se recebesse um convite para ensinar novamente, não aceitaria, pois não se acostuma com a postura dos alunos atuais. A obediência dos alunos era tão marcante que os limites da escola eram demarcados apenas por cercas de arames, provando que o controle de saída e entrada de alunos não dependia de muros altos, mas da consciência dos alunos em obedecerem às regras.

5.2.2 Entre a necessidade e o prazer: relatos de vivências

Em entrevista com outro professor atuante na época, que hoje possui formação na área de pedagogia, o senhor Armênio Galvão Souza, me foi relatado que o ensino desta disciplina por ele, assim como de uma outra, foi consequência da necessidade naquela época. Sendo habilitado para o ensino primário, o professor atendeu ao convite de lecionar Educação Física, uma vez que era uma disciplina que não exigia muito do professor, não era necessário se preparar aula, eram desenvolvidas atividades que se encerravam em sua prática, não tinha um acompanhamento das autoridades escolares e quando aparecia um inspetor, ele apenas dava uma olhada nas cadernetas e conferia se as aulas estavam acontecendo, sem se interessar com o que estava sendo trabalhado.

Tendo lecionado inicialmente esta disciplina no Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima e posteriormente no Colégio Augusto Galvão e sendo um dos

ex-alunos do professor Aristarco, desenvolveu atividades como ginástica de solo, aeróbica, jogos, calistenia, e em alguns momentos o esporte, pois para prática de algumas modalidades se exigia espaços e recursos que a escola muitas vezes não possuía. A justificativa para que as aulas acontecessem em turno oposto era a falta de estrutura da escola para que após as atividades os alunos pudessem tomar banho e não chegassem suados às demais aulas.

Na voz da professora Lourdes Costa – que tem formação também na área de Pedagogia e que lecionou no Instituto Educacional Nossa Senhora de Fátima - a Educação Física era um tanto quanto desvalorizada. Segundo a mesma, para os pais os alunos precisavam freqüentar as aulas de Português, Matemática, acreditavam que no momento em que os alunos estavam nas aulas de Educação Física, acabavam por perder o tempo de aprender algo importante, não entendiam que era uma matéria e fazia parte do currículo.

Ela afirma que entrou para lecionar Educação Física como forma de “tapar buracos”, de complementação de carga horária, para assumir teve que tomar um curso em Salvador, também na Inspetoria Seccional de Educação Física, mas que a duração fora de apenas um mês. Depois desse curso, logo aconteceram na cidade de Senhor do Bonfim no dia 10 de Outubro de 1968 os Jogos Ginásio-colegiais, suas alunas participaram apenas das modalidades de ginástica e ganharam a competição de solo, para isso elas precisaram desenvolver certas habilidades como: resistência, equilíbrio, postura, coordenação motora, disciplina e sincronização. Para ela foi algo que valeu a pena, pois quando ganharam os jogos ela recebeu um certificado “bonitinho” do Professor Romeu, e o colégio deu-lhe um presente. Como forma de valorização do profissional pela vitória conseguida.

Suas aulas aconteciam também em turno oposto, o espaço destinado era apenas um galpão pequeno, por isso as turmas tinham por volta de 20 alunos. As atividades desenvolvidas eram exercícios, tinham jogos e recreações, porque naquele tempo o que tava no auge era o chamado “baleado”. Ao perguntar sobre o significado dessa experiência em sua vida obteve a seguinte resposta:

“Primeiro eu gosto muito, esse negócio de jogos, essas coisas assim, que eu possa movimentar, correr, fazer exercícios. Isso pra mim serviu muito, porque eu tenho enfrentado muita coisa assim, às vezes muito trabalho e a EF que eu fazia junto com eles me serviu, fisicamente, e hoje eu mesma em casa faço, me lembro do que eu fazia antes. Uma Educação Física é uma

coisa ótima, a questão do movimento. Tinha muita vontade de ser uma professora de Educação Física, mais do que ir pra uma sala de aula, ensinar Geografia ou História ou alguma outra coisa, me realizava muito. Meu corpo era em forma! Eu fazia e gostava de fazer aquilo. Eu achava lindo.”

Mesmo afirmando que os salários eram baixos, Lourdes fala com alegria do respeito dos alunos para com os professores, fazendo uma breve comparação com o que acontece hoje, afirma que:

“Hoje em dia é até triste uma pessoa se formar para professor... Muitos alunos não têm respeito nem em casa, porque a Educação é dada em casa, a escola dá instrução. E cada dia que passa tá piorando. Não existe vocação, quando você entra na sala de aula e vê que não é aquilo que você estudou, que você não é valorizado pelo aluno, diretor, não tem recursos, aquele estímulo e alegria acabam... O professor fica hoje em dia rezando pra sair a aposentadoria.”

Na Escola Polivalente as aulas de Educação Física foram lecionadas inicialmente por um professor filho de Jacobina – Ba, o Professor Jorge Brito, que por não gozar, no momento da entrevista, de bom estado de saúde pôde apenas me dizer que foi um tempo melhor do que hoje, principalmente porque os recursos materiais eram mais disponíveis. Lá ele desenvolveu atividades como a ginástica de solo, os esportes, e inclusive afirmou fazer intercâmbios entre o colégio que ensinava e os colégios de Jacobina. Segundo o mesmo, não havia uma separação entre meninos e meninas durante as aulas, todas as aulas eram desenvolvidas por turma e não por sexo.

5.2.3 A Educação Física nas vozes dos alunos



Figura 4. Time de Futebol do Ginásio Augusto Galvão.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

Nas vozes dos alunos, os conteúdos e espaços físicos foram relatados da mesma forma que foram pelos professores. De acordo com o que fora exposto nas entrevistas, metodologicamente as aulas eram somente práticas e nunca aconteciam na sala de aula, a teoria se compunha de uma explicação sobre as atividades, no mais, os professores se colocavam na frente da turma, faziam os movimentos e pediam para que os alunos repetissem. Algo que foi destacado foi o fato de que mulheres não jogavam futebol e aquela que se arriscava a jogar era taxada com apelidos pejorativos. As mulheres também não faziam atividades que requisitavam muita força e utilização de pesos. Ao lado temos a imagem de time de futebol da época.

Algo bastante mencionado foram as competições que aconteciam envolvendo os vários colégios da região, nas várias



Figura 5. Alunos do "Ginásio" no desfile de Sete de Setembro.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

modalidades e, ao final, com premiação aos vencedores, assim como, os desfiles se 7 de

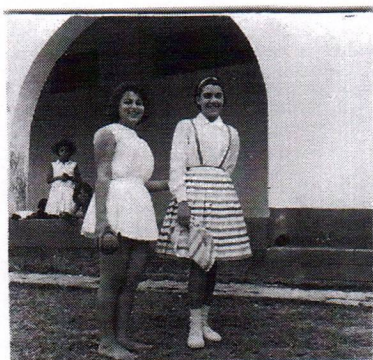


Figura 6. Alunas que praticavam ginástica.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

Setembro que eram o auge da Educação Física e segundo relatos se não fizessem bonito o "castigo comia".

Para eles, as aulas eram vistas como novidade, usava-se roupas adequadas e faziam as atividades em horários distintos para os dois gêneros. A assiduidade era marcante e tinham prazer em realizar as atividades propostas. Em um caso específico, uma

aluna destacou que morava a 6 Km, em um distrito da cidade de Campo Formoso e em algumas vezes retornava da escola ao meio dia e ao fim da tarde fazia o mesmo percurso para conseguir participar da aula de Educação Física que acontecia por volta das 16h, demonstrando grande interesse e gosto em fazer aquelas atividades. A imagem mostra duas dessas alunas que praticavam ginástica.

Foram unânimes em afirmar que existia uma boa relação entre professores e alunos, não só com o de Educação Física, como com os demais também. Quando faziam algum exercício errado eram corrigidos educadamente e solicitados a repeti-lo. Ao questionar se esta relação era realmente de respeito ou chegava a ser medo, obtive como resposta que até poderia ter um pouco de medo, mas o respeito era preponderante dentro e fora da instituição escolar, até porque a cidade era pequena e todos se conheciam e quando acontecia algo como faltar à aula, por exemplo, os pais eram avisados e os filhos cobrados.

5.3 CONVERSANDO SOBRE AS INFORMAÇÕES COLETADAS.

Fazendo uma análise do que fora relatado pelos professores e alunos, percebo que apesar de ser uma cidade pacata do interior da Bahia, e mesmo em um tempo em que as informações chegadas eram precárias, os procedimentos ditatoriais do Regime puderam sim ser sentidos, ou melhor, puderam influenciar parte da comunidade. O teor das aulas, com seu caráter puramente prático e técnico, com objetivos voltados para competição, contribuíam para concretização do que realmente objetivavam os governos quando utilizavam as instituições públicas e privadas como meios de suporte às suas ideologias políticas, Darido (2008, p.4), retrata esta relação de forma concisa no trecho abaixo:

Os governos militares que assumiram o poder em março de 1964 passam a investir pesado no esporte, na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria na promoção do País através do êxito em competições de alto nível. Nesse período, a idéia central girava em torno do Brasil-Potência, no qual era fundamental eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento.

Em muitas falas pode-se notar a presença da palavra "Jogos". Quando se falava em conteúdos estes jogos nada mais eram do que as modalidades esportivas, voleibol, futebol, basquetebol, que neste contexto remete-se à competição e conseqüentemente, classificação, superação, individualidade. Os demais conteúdos

como a ginástica, as modalidades de atletismo, também estiveram sempre voltadas para tais objetivos, o que nos leva a perceber que, mesmo que em seus relatos os professores tenham se mostrado não condizentes com a atuação dos militares, acabaram, mesmo que de forma inconsciente, por contribuir com os seus interesses. Ao afirmarem que não sentiram nenhuma influência na cidade eles não tinham noção de que naquele momento eram marionetes de concretização ideológica do Estado.

O valor dado à disciplina acontecia não por achar que seria algo importante à formação humana dos alunos em todas as suas dimensões, mas por reconhecer a importância do “se movimentar” humano, no entanto a valorização do professor de Educação Física não se diferenciava da dos demais, o *status* profissional existia, mas os salários eram baixos para todos.

Foi possível também notar a mudança de predominância de tendências e conseqüentemente de conteúdos. Isso foi percebido na fala de um dos entrevistados, pois quando o professor ingressou na instituição para lecionar Educação Física por volta de 1956, momento em que lhe fora exigido um documento de comprovação de aptidão física, sua prática muito se assemelhava com uma instrução militar, prova disso foi o ingresso com sucesso de alguns de seus alunos na academia militar, bem como, o convite para ser instrutor da corporação, o qual fora recusado. Trazendo este dado para a realidade nacional, podemos afirmar que justamente neste período, no Brasil, a tendência predominante era a militarista, que tinha como um dos objetivos, segundo Ghiraldelli Jr. (2001, p.18), a formação de “... uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra...”.

Logo em seguida, após os cursos de atualizações, os professores passam a objetivar através do treinamento físico, a superação de limites dos alunos, pois as competições se mostraram mais evidentes e um bom resultado era algo almejado. Betti (1991) *apud* Darido “ressalta que, entre 1969 e 1979, o Brasil observou a ascensão do esporte à razão de Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo...”. E mais uma vez, a disciplina molda-se para atender os interesses do governo.

É importante ressaltar que algumas pessoas afirmaram só saber o que fora realmente a Ditadura anos depois. Era um momento de real alienação por parte de alguns, as notícias que chegavam via rádio eram vistas como utopias, algo distante e de interesses ilusórios, até porque os partidos que existiam davam total apoio ao

governo em questão, mais do que isso, eram submissos e acatavam todas as decisões e ordens enviadas, sem questioná-las. Nas aulas o professor de História, segundo depoimentos, apenas falava algo superficial e afirmava que eles não podiam se manifestar contra, pois corriam sérios riscos de serem presos. Distantes daquela realidade, com aulas limitadas à transmissão de conteúdos, os alunos nada questionavam e pouco sabiam sobre a real dimensão daquele contexto, e querendo ou não eram usados como meios de fortalecimento de interesses dominantes.

Quando o professor Aristarco Pires questionou as decisões impostas pelo capitão do exército, naquele momento ele mostrou-se militante da causa da Educação Física, talvez de uma Educação Física que hoje nós não pretendemos cultivar, mas foi sem dúvida alguma, uma ação de coragem e resistência, suas ações enquanto professor poderiam, como já foi mencionado anteriormente, até favorecer o fortalecimento do governo, mas seus reais objetivos foram claros: era dar total apoio a valorização do ensino daquela disciplina, trabalho que ele desempenhava com responsabilidade e acima de tudo com amor. Então surge o questionamento: O professor que atuou naquele momento teria consciência de que suas ações poderiam contribuir não para educar, mas simplesmente para adestrar os alunos? O que se percebe é que dentro da realidade local professores e alunos eram vítimas de um processo alienante e alienado, no entanto, pode acontecer que ao colocá-los na posição de vítimas cometa-se o erro de não considerá-los como seres históricos e capazes de compreender, refletir e até modificar uma realidade, mas não seria um equívoco afirmar que naquele momento eles se encontravam na posição de objetos por não possuírem condições de sustentar teoricamente suas reflexões e atitudes.

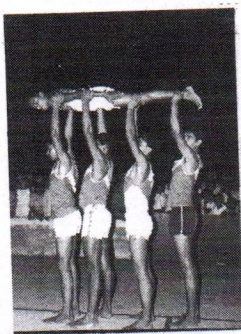


Figura 5. Demonstrações de atividades.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão.

As fotos encontradas retratam a realidade de apenas uma escola, o “Ginásio Augusto Galvão”, nelas podemos perceber uma Educação Física que valoriza muito o desempenho, mesmo porque as apresentações eram feitas para toda a cidade e até para outras, era uma “aula-espetáculo”. Esta imagem ao lado é mais um exemplo claro disso. Apesar do envolvimento político da população ser um tanto quanto limitado, de certa forma estas apresentações, principalmente nos desfiles cívicos de Sete de Setembro, contribuíam para aumentar ainda mais o nível de alienação de parte da população, e isso inclui a classe estudantil.

Os documentos analisados - que foram alguns certificados de participação em cursos na capital baiana de dois professores, um atestado e autorização do professor Aristarco Pires e um formulário de exame biométrico - comprovam que havia uma fiscalização da Inspetoria de Educação Física, revelam os conteúdos que eram trabalhados nestes cursos, como jogos, recreações, ginástica desportivas, etc., e também reforçam o caráter de rendimento da disciplina, como é o caso do exame biométrico que se apresentava como um pré-requisito para aprovação.



Figura 6. Alunos dispostos de forma distinta: meninos X meninas.
Fonte: Arquivo particular do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão

Algo bastante enfatizado é o fato de que naquela época o desenvolvimento das aulas acontecia com marcantes diferenças relacionadas aos gêneros. De todos os entrevistados viu-se que apenas na Escola Polivalente, que veio a surgir um pouco mais tarde, as aulas aconteciam com ambos os gêneros simultaneamente, nas demais, eram realizadas em horários diferentes, com intensidades e conteúdos também diferentes. A mulher ainda era um tanto quanto “sexo frágil” e as vestimentas impediam que se mostrasse algo de suas intimidades que não deveriam ser vistas. A figura 8 mostra uma imagem de uma turma da época com uma professora de outra disciplina, mas é importante destacar o aluno na parte superior fazendo um gesto de características militares.

Enfim, os caminhos trilhados pela Educação Física em Campo Formoso, não se distanciaram daqueles percorridos nacionalmente. Como existe uma relação entre as instâncias de poderes que regulamentam as leis educacionais, as mudanças sugeridas, ou mesmo impostas, eram paulatinamente também implantadas nas cidades interioranas. Um momento de curso de “capacitação” e/ou atualização poderia sim tornar-se um tempo de modelagem e imposição de interesses. Tempo em que os professores, sem conhecimento de causa e sem tão pouco um embasamento teórico, reproduziam aquilo que lhes era transmitido, e na tentativa de dar o melhor de si, contribuíam para o fortalecimento dos ideais ditatoriais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendo, a partir de então, fazer algumas considerações sobre o que fora estudado e materializado, afirmo com precisão que o resultado aqui alcançado não esgota o estudo em questão, uma vez que considero a construção do conhecimento sempre como possibilidade de avanços. Explanarei em algumas palavras desde o desejo da produção até a sua concreta materialização, enfatizando e discutindo aquilo que considero relevante.

Tinha a pretensão de constatar como era desenvolvida a Educação Física em Campo Formoso-Ba durante a Ditadura Militar no Brasil. Os motivos que me levaram a escolha desta temática foram primeiramente o fascínio que me causa poder perceber que os diversos problemas que afligem a Educação Física - enquanto prática pedagógica - podem ser historicamente analisados e compreendidos, e por perceber também que os estudos na área histórica da Educação Física ainda são bastante escassos. Depois, por acreditar que mais do que entender a História da Educação Física no Brasil, faz-se necessário também conhecermos a história da Educação Física na realidade onde estamos inseridos, só assim poderemos adentrar as instituições escolares e atuar como educadores preocupados e competentes, que não restringem sua prática apenas na ação, mas que preocupados com os problemas que permeiam a sociedade e na tentativa de contribuir para formação de cidadãos mais críticos e atuantes, façamos sempre o exercício da "ação-reflexão-ação", repensando nossas práticas a partir do que já fora produzido (as teorias) e do que já fora desenvolvido e vivenciado na realidade em que pretendemos atuar.

A partir desse momento sinto-me mais a vontade e satisfeita em poder compartilhar com a comunidade acadêmica deste departamento como fora realmente desenvolvida a Educação Física em Campo Formoso-Ba durante a Ditadura Militar no Brasil. Os escritos apresentados foram resultados de muito trabalho e dedicação, mas acima de tudo de desejo. Desejo que me levou a mergulhar no universo das palavras e a buscar, com o auxílio daqueles que há tempos se debruçam sobre os livros e compartilham conhecimentos, construir um "algo" a mais na História da Educação Física.

Caracterizo este momento do trabalho como sendo o ápice e ao mesmo tempo a base de uma "pirâmide" a ser construída. Chamo de pirâmide porque assim como na antiguidade, em que as construções grandiosas dependiam de grande esforço para se obterem bons resultados e acima de tudo com o passar do tempo elas precisam ser reparadas, acredito que assim deve ser o conhecimento científico, os grandes escritos não são concluídos momentaneamente, mesmo porque a ciência é composta de paradigmas que vão sendo sobrepostos processualmente, e para que se torne relevante precisa-se de muita pesquisa e, acima de tudo, de doação. *Ápice*, porque chega ao fim uma jornada de quatro anos de luta e também de renúncias. *Base* por acreditar que estou galgando os primeiros passos dentro do grandioso mundo das ciências.

Analisando algumas informações que foram conseguidas através das leituras, entrevistas, fotografias, documentos, assim como, através das experiências por mim vivenciadas, posso afirmar que as instituições escolares foram, e são, verdadeiros Aparelhos Ideológicos de Estado. Ao passear pela história das leis educacionais, notei que estas foram sendo modificadas e conformadas para atender aos objetivos e anseios do governo e de uma minoria esclarecida, e a Educação Física sendo uma área de conhecimento ainda muito recente e por isso compreendida de forma bastante limitada, também foi, e continua sendo, utilizada como mais um meio de manobra e alienação da *massa* ainda pouco esclarecida.

A postura de sociedade autoritária que posteriormente fora superada para uma concepção mais aberta, foi predominante no país por 21 anos, portanto foram mais de duas décadas de angústia, repressão, opressão, tempo em que contestar, discordar, protestar era algo inadmissível, um crime, muitas vezes punido com a perda da vida, "a morte". A conquista da abertura política já na década de 1980, deu início, se é que assim pode ser chamada, a uma sociedade democrática, mas talvez a democracia que se tem até hoje ainda seja uma "ditadura mascarada". Isso porque, para que uma sociedade seja realmente democrática é necessário que seus diversos seguimentos estejam munidos de conhecimentos e a partir deles posicionar-se de forma crítica, garantindo os seus direitos e podendo usá-los de forma coerente. Mas o que tem sido concretizado de forma imperante é apenas a manutenção de uma ordem já pré-estabelecida desde a formação das primeiras sociedades: uma minoria dominante e uma maioria dominada e subserviente.

Aos olhos do público estudado, que enxergavam a dimensão da Educação Física apenas em seu caráter puramente prático e mecanizado, a Ditadura Militar não influenciou em nada as aulas de Educação Física na cidade de Campo Formoso, contudo, ao considerá-la como uma área culturalmente estabelecida e socialmente inserida num ambiente de total controle político-ideológico (a instituição escolar) seria algo pouco provável apresentar-se dissociada de tais interesses, uma vez que naquele momento a concepção que se imprimia na sociedade era voltada ao rendimento, a valorização da técnica, da competição, numa tentativa de elevação do país a uma grande potência mundial, por isso a Educação Física casou-se fielmente com esta idéia, apresentava características ideais para concretização de tais objetivos e, portanto foi sim utilizada para fins de concretização de ideais governamentistas, mesmo em uma pequena cidade do interior baiano.

Para concretização deste estudo, algumas dificuldades foram encontradas, mas considero que a maior delas fora localizar os professores que atuaram no período em questão, sendo que um deles não pode me relatar aquilo que teria vivenciado, por não gozar de bom estado de saúde, e quanto aos diretores nenhum se encontrava mais na cidade, bem como, encontrar registros de documentos, cadernetas, jornais, etc. Considero que estas lacunas ao mesmo tempo em que representam detalhes que poderiam enriquecer o trabalho, também podem instigar o desejo de busca de informações para estudos posteriores.

Ao findar esta etapa de estudo sinto a sensação de dever cumprido, os objetivos outrora propostos foram paulatinamente alcançados, mas como falei inicialmente, ainda há muito o que se pesquisar, aqui não se exaurem as possibilidades de entender que a História aí está para que seja evitada qualquer forma de generalização, e que uma parte, mesmo sendo *parte* de um todo, pode significar um *todo* que não deve ser analisado abstratamente pois, possui uma realidade concreta que o compõem, determina e o faz ser particularmente valorizado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição da classe média ao regime. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. (org.). **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 1ed. – São Paulo: Moderna, 1989;
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988. (coleção corpo e motricidade);
- CUNHA, Luiz Antonio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 11. ed Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 99 p.
- DARIDO, Suraya Cristina. SANCHEZ NETO, Luiz. O Contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Coord.) **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008;
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo/ 8ed** – São Paulo: Cortez, 2001;
- GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. 2. ed São Paulo: Cortez, 1994, 297 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa/ 4ed**. – São Paulo: Atlas, 2002;
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. . **História da educação**. 2. ed. rev São Paulo: Cortez, 1992, 240 p.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista**. A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 7ª edição, 2001;

HABERT, Nadine. **A década de 70**, Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo. Editora Ática, 3ª edição; 2001. 95p;

KOSHIBA, Luiz e PEREIRA, Denise Manzi Frayse. **Historia do Brasil** – 7.ed. rev. e atual – São Paulo: Atual, 1996;

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Planejamento e Execução de Pesquisas**, Amostragens, e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados, 5ed – São Paulo: Atlas, 2002;

MORAES, José Geraldo Vinci de, 1960 – **História: Geral e Brasil**: VOL. Único/ 2.ed. São Paulo: Atual, 2005;

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação Física e ditadura militar no Brasil (1968 – 1984)** história e historiografia. Educação e Pesquisa, São Paulo, V.28, n.1, p51-75, jan./jun. 2002;

_____. **Educação Física Escolar e ditadura Militar no Brasil (1968-1984)**: Entre a Adesão e a Resistência. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v.25. n2, p9-20, jan, 2004;

OLIVEIRA, Vitor marinho. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (coleção corpo e motricidade);

_____. **O que é Educação física**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60**, Rebeldia, contestação e repressão política. 4ª edição, São Paulo, SP: Ática, 2002;

CAMPO FORMOSO, Portal. **Campo Formoso**. Disponível em www.portalcampoformoso.com.br acesso em 09/03/2010.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 267 p.

ROSA, Juliano de Melo da. **Nas vozes de um mesmo tempo: a Educação Física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi – RS**. Santa Maria, RS, Brasil, 2006;

SERIACOPI, Gislane e Reinaldo. **História**: Volume único. 1.ed.- São Paulo: Ática, 2005;

SOARES, Carmen Lúcia; CAMARGO, Dulce Maria Pompêo de. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994 167 p.

SOARES, Carmen Lúcia. et. al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. rev. – São Paulo: Cortez, 2009;

SOARES, Edvaldo. **Metodologia Científica: Lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas, 2003;

TOLEDO, Caio Navarro de. **O Governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. 123p;

VIEIRA, Evaldo. **A república brasileira: 1964 – 1984**. São Paulo: Ed. Moderna, 1985. 72p;

ZAPPA, Regina. SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008;

APÊNDICE

APÊNDICE A – Convite aos professores para participação na pesquisa

Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV
Curso de Educação Física

Convite

Venho por meio deste convidar Vossa Senhoria a participar do Projeto de Monografia a ser desenvolvido nesta cidade com o tema “Educação Física em Campo Formoso: Memórias da Ditadura Militar”, pela aluna Joice Naiane de Sousa Costa. Este projeto apresenta-se como forma de documentar a História da Educação Física nesta cidade num momento tão importante da História do nosso país, para isso conto com vossa colaboração com o que for possível (fotos, documentos, entrevistas, dentre outros), uma vez que seu papel enquanto educador foi de suma importância para o desenvolvimento da Educação Física Escolar local.

Atenciosamente,

Joice Naiane de Sousa Costa, aluna do 9º semestre.

Campo Formoso, Outubro de 2009

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista realizada com os professores.

ENTREVISTA COM PROFESSORES

*NOME COMPLETO

*PERÍODO EM QUE ENSINOU EDUCAÇÃO FÍSICA

- 1) Gostaria de saber desde quando o senhor (a) começou a atuar na área educacional e qual a sua formação?
- 2) Qual a sua opinião acerca do ensino durante a Ditadura Militar? Poderia citar algum exemplo de situações marcantes durante este período?
- 3) Se e como acontecia o acompanhamento da Secretaria de Educação Estadual e até mesmo do Ministério da Educação na escola ou mesmo na cidade de Campo Formoso?
- 4) Como era desenvolvido o seu trabalho neste período? Quais eram os conteúdos e as atividades?
- 5) Como era a participação dos alunos? Meninos e meninas realizavam as atividades juntos? (exemplifique)
- 6) De que recursos e espaços a escola dispunha para execução dessas aulas? Quantas aulas eram realizadas por turma?
- 7) As aulas aconteciam no mesmo turno que as demais disciplinas?
- 8) Que importância a comunidade escolar de um modo geral atribuía a disciplina Educação Física?
- 9) O senhor(a) poderia expressar em algumas palavras o que representou esta experiência em sua vida?
- 10) Espaço aberto para colocações de algo a ser acrescentado.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista realizada com os alunos

ENTREVISTA COM ALUNOS (AS).

- 1) Como vocês viam a Educação Física e que importância davam a esta disciplina?
- 2) Como eram desenvolvidas as aulas de Educação Física? Quais os materiais e espaços disponíveis?
- 3) Os alunos realizavam as atividades juntos? (meninos e meninas?) E quais atividades eram realizadas?
- 4) Como se dava a relação professor X aluno? (Com o de Educação Física e com os das demais disciplinas?)
- 5) Para vocês o contexto da Ditadura Militar pode ser percebido dentro do ambiente escolar? Será que houve alguma influência nas aulas, ou mesmo na cidade?
- 6) Você lembra de alguma situação marcante na época, que tivesse relação com o contexto da Ditadura?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista realizada com membros da comunidade.

ENTREVISTA COM COMUNIDADE

Relatos de vivências: Algumas questões norteadoras.

- 1) Como caracterizam a Ditadura Militar.
- 2) Houve alguma influência na cidade, de repressão, perseguição?
- 3) A população reagiu de alguma maneira? Poderia citar alguma situação marcante.
- 4) Com relação à instituição escolar? Houve alguma mudança importante?
- 5) E como vocês viam a Educação Física durante este período?

ANEXOS

ANEXO A – Documentos: certificados, formulário de exame biométrico.

HUMAITÁ FUTIBOL CLUBE

SEDE: RUA FLORIANO PEIXOTO, N. 34
CAMPO FORMOSO – BAHIA

DIRETOR: JAGONHARO KUIN
PRESIDENTE: CARLOS LAERTE COSTA
CRADOR: DR. DOMINGOS DANTAS

ATESTADO

Eu, Carlos Laert Costa, presidente em exercício do HUMAITÁ FUTIBOL CLUBE, desta Cidade de Campo Formoso, Estado da Bahia, atesto que o Sr. Aristarco de Oliveira Pires atuou como arqueira d'este Clube durante todo o ano de 1955, sendo o mesmo invicto em todas as partidas realizadas nesta Cidade, bem como nos embates travados contra as Cidades vizinhas e, devido à eficiência e amor ao Clube por parte do referido desportista Aristarco de Oliveira Pires, coube a vitória ao Clube por ele defendido.

É, por ser verdade, assino o presente atestado juntamente com o Bel. Domingos Dantas, Crador Oficial do HUMAITÁ FUTIBOL CLUBE, e autorizo ao Sr. Aristarco de Oliveira Pires a fazer do presente Atestado o uso que lhe convier.

Campo Formoso-Bahia, 29 de Junho de 1956

Carlos Laert Costa
Carlos Laert Costa - Presidente

Dr. Domingos Dantas
Dr. Domingos Dantas - Crador

Figura 7. Atestado de Aptidão Física do Professor Aristarco Pires.

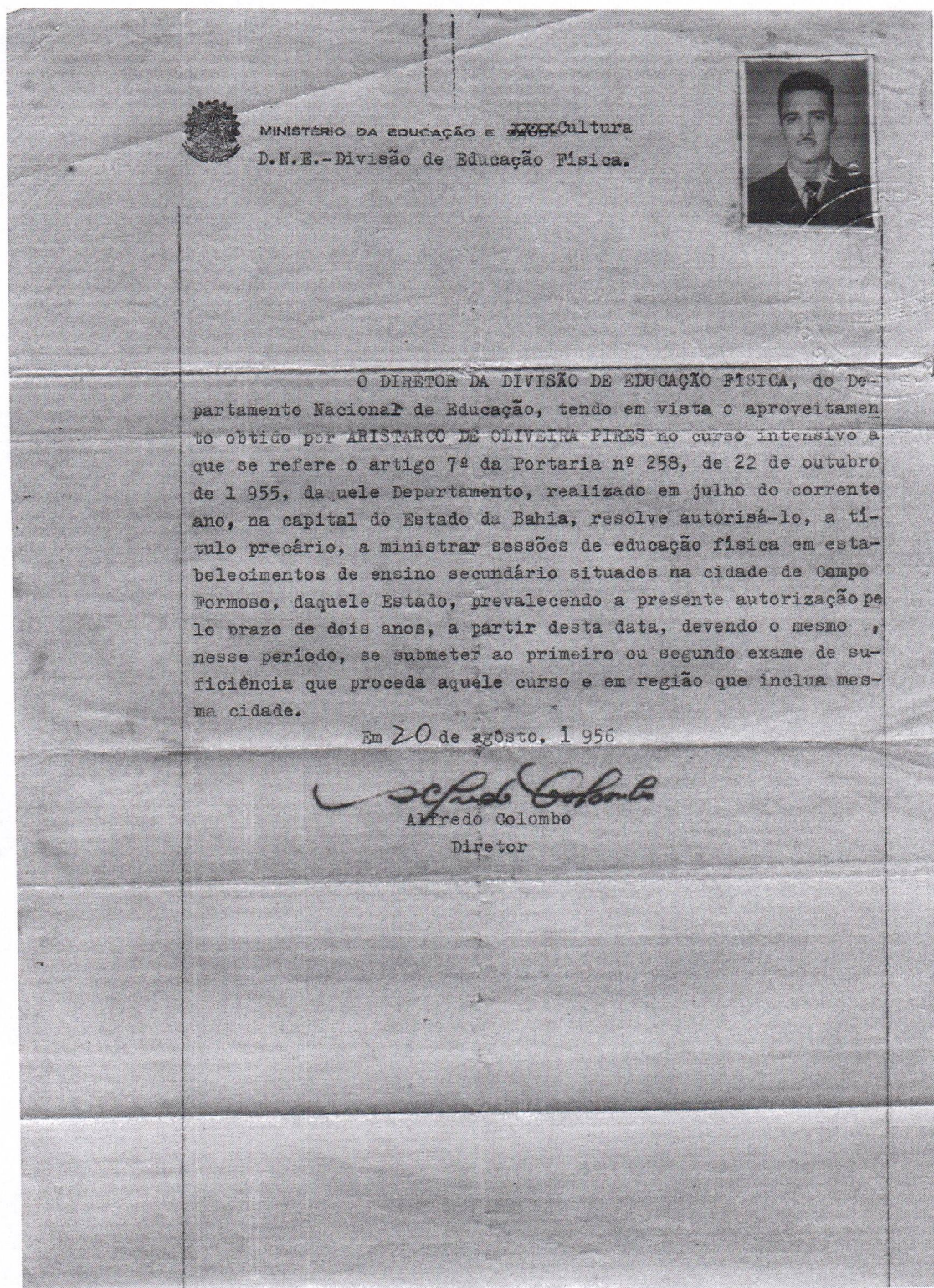


Figura 8. Autorização precária concedida ao professor Aristarco Pires pelo diretor da Divisão de Educação Física "Alfredo Colombo".



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
Divisão de Educação Física

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MÉDIA
Departamento de Ensino Superior e Cultural

INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA BAHIA
Divisão de Educação Física - Recreação e Esporte
Certificado de Frequência

Certificamos que ARISTARDO OLIVEIRA
frequentou com regularidade o V Curso de Informações de Educação Física, realizado nesta
Cidade de SALVADOR - BAHIA de 11 a 15 de MARÇO de 1968
Organizado e dirigido pela Inspectoria Seccional de Educação Física da Bahia e D. E. F. R. E.

Obs: - O Direito de lecionar Educação Física é prioridade dos Licenciados na disciplina (de Lei 1.212 de 17-4-39). Verificando a insuficiência do mesmo, este Certificado confere ao portador aproveitamento a título precário quando a direção do Estabelecimento solicitar a devida autorização à Inspectoria Seccional de Educação Física.


Cidade do Salvador, 15 de Março de 1968

Romeu Brandão Soares
ROMÉU BRANDÃO SOARES
Inspector Seccional de Ed. Física

Josmar Estrela Gonçalves
JOSMAR ESTRELA GONÇALVES
Dir. do D. E. F. R. E.

SP. 1. 2084 2085 - VOL. 2-411

Figura 9. Certificado de frequência em Curso de Informações de Educação Física



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BAHIA
CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA

Certificamos que ARMÊNIO GALVÃO SOUZA
frequentou com regularidade o VI CURSO BÁSICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, realizado nesta Cidade do Salvador,
de 4 a 19 de julho de 1969. Organizado e dirigido pela INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
BAHIA.

OBS: - O Direito de lecionar Educação Física é prioridade dos Licenciados na disciplina (Dec. Lei n.º 1.212 de 17/4/39). Verificando a deficiência numérica dos "Especializados", este CERTIFICADO confere ao portador prioridade no aproveitamento a título precário, devendo a direção do Estabelecimento de Ensino solicitar a devida autorização à INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Este documento não tem validade para provimento em cargo ou função públicas.

Cidade do Salvador, 19 de 07 julho de 1969.

Romeu Brandão Soares
ROMÉU BRANDÃO SOARES
INSPECTOR SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Figura 10. Certificado de Participação do Professor Armênio Galvão no Curso Básico de Educação Física.


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
 INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
 BAHIA
CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA

Certificamos que ARISTARCO DE OLIVEIRA PIRES
 frequentou com regularidade o VI CURSO BÁSICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, realizado nesta Cidade do Salvador,
 de 4 a 19 de julho de 1969. Organizado e dirigido pela INSPECTORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
 BAHIA.

OBS: — O Direito de lecionar Educação Física é privativo dos Licenciados na disciplina (Dec. Lei n.º 1212 de 17/4/39). Verifi-
 cando a deficiência quantitativa dos "Especialistas", este CERTIFICADO confere ao portador prioridade no aproveitamento
 a título pessoal, devendo a direção do Estabelecimento de Ensino solicitar a devida autorização à INSPECTORIA SEC-
 CIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Este documento não tem validade para preenchimento em Cargo ou função pública.

Cidade do Salvador, 20 de julho de 1969.

 HONÓRIO MIRANDA NUNES
 INSPECTOR SECCIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Figura 11. Certificado de participação do professor Aristarco Pires no Curso Básico de Educação Física.

M. E. S.—D. N. E.—D. E. F. **CICLO ELEMENTAR (4.º GRÁU)** FICHA N.º _____

ALUNO Magdalena Casarici Santos Sexo Fem. Nasc. 16/12/52 Curso Normal/Séria 1.º
 Município de Campo Formoso — Estado da Bahia ANO 19 _____

GINÁSIO AUGUSTO GALVÃO

EXAME BIOMÉTRICO	1.º	2.º	EXAME CLÍNICO
DATA <u>2.3.1948</u>			DATA _____
Idade <u>16 anos</u>			_____
Perímetro torácico (Xifóides (sexo masculino) ANSIS (sexo feminino))	Reposo... 1	<u>86</u>	Exercícios indicados
	Inspiração... 2	<u>88</u>	
	Expiração... 3	<u>85</u>	
Elasticidade torácica	4	<u>6</u>	Exercícios contraindicados
Peso	5	<u>49</u>	Aproveitamento do exercício
Estatura	6	<u>1,51</u>	Observações
Capacidade vital	7	<u>1,910</u>	

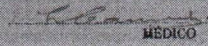

 MÉDICO

Figura 12. Modelo de formulário de exame biométrico "frente".

DADOS ETNOLÓGICOS		PRÁTICO - 4.º GRÁU		10		20		Limites mínimos							
Nac. origem	País	1	1. Corrida	20 m.	30 m.	40 m.	50 m.	60 m.	70 m.						
	Estado									2	2. Salto em altura com impulso	1m. 60	1m. 75	1m. 90	2m. 00
	Município														
Nacionalidade de	País	3	3. Salto em extensão com impulso	4 kg. máx.	5 kg. máx.	6 kg. máx.	7 kg. máx.	8 kg. máx.	9 kg. máx.						
	Mãe									4	4. Transportar um objeto em equilíbrio sobre a cabeça	4 m.	NADA		
	Avô Paterno														
	Avô Materno														
Cód. de Pels (Clas. Raças Pintas)	Avô Paterno	5	5. Trepar em cordas duplas	1 m. de cada mão	1 m. de cada mão	1 m. de cada mão	1 m. de cada mão	1 m. de cada mão	IDEM						
	Avô Materno									6	6. Atravessar 3 bolas no ar com cada mão, para atingir um alvo a 10 mts.	5 seg.	IDEM		
	Avô Materno														
Tipo de cabelo	Avô Materno	7	7. Exercício de equilíbrio sobre uma travessa sobre cada a 1 metro do solo	Perna esquerda	Perna esquerda	Perna direita	Perna direita	Perna direita	IDEM						
	Avô Materno														
VISTO		Este aluno adquiriu direito as CERTIFICADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ELEMENTAR em _____ de _____ de 194_____													
INSPECTOR FEDERAL		Profess. de Educação Física													
MÊSES		MARÇO	ABRIL	MARÇO	ABRIL	MARÇO	ABRIL	MARÇO	ABRIL	TOTAL					
Nota de Ausência															
FALTAR															

Figura 13. Modelo de formulário de exame biométrico "verso".

ANEXO B – Respostas resultantes das entrevistas com professores, alunos e comunidade.

Entrevista nº 1 = Professor Aristarco Pires

Relato

“Chegou um inspetor e foi examinar as cadernetas, até então eu assinava Aristarco de Oliveira Pires e a matéria dada Educação Física. Chegou ai ele perguntou que método você usa? E eu me perdi, não sei. Qual o método que você usa para dar aula? E eu não entendia nada do negócio, ai eu falei, professor vamos ali na quadra que tem uns alunos, eu vou dar uma aula para eles, ai o senhor vê qual é o método. Ai ele disse você usa aquele material que está lá? Naquele tempo não funcionava o colégio se não tivesse colchão, halteres, a massa, tudo “né”, nem que fosse para ficar de amostra, então eu disse, sou capaz de dar uma aula com aquilo, usei os bastões, os halteres, os colchões, ai ele gostou. Naquele tempo tinha que ter as traves, as barras paralelas, tudo era obrigado a ter senão não funcionava, ai ele olhou as barras perguntou se ele as usava, se agüentava o seu peso e dominou a barra, pulou e caiu do outro lado. O inspetor perguntou você usa isso mesmo? Uso, tudo eu uso, então faça isso, ai eu dominei a barra e pulei do outro lado, eu nunca tinha visto ninguém fazer, mas eu era... ai ele me olhou assim e perguntou onde foi que você aprendeu? Eu vi o senhor fazendo e fiz igual, ele disse então faça mais alguma coisa, ai eu fiz, até outro dia eu fiz, outro dia não uns dez anos atrás, peguei a barra, tava no dia do aniversário do colégio, ai todo mundo “ah”, hoje em dia que eu não faço mais. Ai ele disse, olha eu nunca vi um professor fazer isso que você faz, não conheço um professor de Educação Física que faça isso, nem no interior nem em São Paulo. Agora o senhor precisa saber o que é Educação Física, fazer um curso, ter uma autorização. Me deu um prazo até o fim do ano para conseguir esta autorização e no outro ano eu não podia mais ensinar.

Ai eu fui pra vila militar em Salvador, arranjei com uns amigos que eram oficiais lá na academia militar pra eu assistir somente às aulas de Educação Física, pra eles me darem depois um “brevê”, chamava “brevê”. Ai eu fiquei lá uns seis meses, ai criaram um curso, a divisão de Educação Física Federal criou um curso chamado curso da “CAD” que todos os outros professores das outras matérias também faziam pra poder ensinar no ginásio. Então todo ano frequentava um mês de aula, uma semana, então o colégio me matriculou, eu tava lá e fui fazer o curso. Pra fazer este curso eu tinha que ter uma prova de votação, então, eu tava olhando estes papéis e vendo, então eu tive, aqui tinha um time de futebol muito organizado e eu era o goleiro da seleção de Campo Formoso, então o orador do time me deu um certificado, que eu fui goleiro, defendi, e o interessante é que as últimas 20 partidas que nós jogamos com a cidade vizinha, nós ganhamos todas. Eu precisava deste atestado para fazer o curso, então eu me vali disso, fui para Salvador e foi justamente em 56, eu fiz o curso e nele aprendi o que era que o inspetor queria, ai depois eu comecei assinar “Aristarco de Oliveira Pires, calistenia, desportiva generalizada, método francês”. Eles então me deram um atestado do curso assinado por Cristóvão Colombo que era provisório, valia por dois anos, mas eu depois fiz mais dez cursos, todos que tinham eu ia fazer, ai então me considereii habilitado.

Eu tive um convite do coronel da vila militar, pra ser professor, porque ele foi no encerramento do curso, foi prefeito, governador, era uma coisa muito organizada, eu

fui escolhido como o guia da turma na demonstração de ginástica, ai ele me convidou pra ir para a vila militar ensinar Educação Física aos oficiais e com uma patente de oficial. Eu não quis porque eu era Colégio Augusto Galvão, foram eles que me matricularam, e era o negócio da colaboração, o irmão era diretor, era da Igreja Presbiteriana, eu presbiteriano, então eu disse eu não posso, e não aceitei. Eu fui professor de Educação Física aqui, primeiro era só do masculino, depois a Vandete Jatobá foi embora, ela fez o curso comigo, ai fiquei com o masculino e o feminino, então eu fazia demonstrações de ginástica aqui, eu fiz demonstrações, eu e os alunos, e a inspetoria seccional de Salvador vinha em peso assistir. Eu usava assim aquele relógio sincopado com as bolas, ai eu coloquei uma letra "Um e dois e lança e pega, um e dois e lança e pega, um e dois e lança e pega, um e dois e lá embaixo e roda e pra colega e passa", ai elas decoravam a letreirinha. E eu fiz essas demonstrações de ginástica e eles vinham todo ano. Teve olimpíadas aqui chamadas "Jogos ginásio-colegiais". Eram com todos os ginásios da região, a primeira foi em Bonfim, meu colégio ganhou tudo, só perdeu a corrida de velocidade porque tinha um professor de Educação Física lá das freiras que era do exército, e podia usar o revólver para dar a saída, só que eu treinei meus alunos "As suas marcas, pronto, preparar" aí ele chegou lá botou todo mundo em fila e "pá" disparou ai os meus não saíram do lugar, ficaram esperando os comandos. Eu ainda quis brigar, mas o inspetor da época falou "mas rapaz você já ganhou tudo, e ainda vai questionar?" Ai eu deixei pra lá, mas na resistência eles me pagaram que eu tinha um corredor, que depois até foi para o exército, montei uma estratégia e como a partida não importava muito eles perderam. Eu tô contando isso tudo pra dizer depois o que foi que aconteceu com a Ditadura.

Eu fui um professor de Educação Física que nunca dei uma aula pra eu não ser o guia, não fazer as atividades juntos com os alunos, entrava e saia turma e eu sempre fazendo junto. Aqui tinha basquetebol muito bom, eu jogava com o Colégio Dois de Julho, 15 de novembro, ganhava e perdia, era organizado, eu ensinava os jogos, hoje sem querer falar mal, mas falando a verdade, o professor de Educação Física dá uma bola um grupo de aluno e fala, olha fiquem aí, tem um colégio aqui que não tem nem espaço, os meninos vão ali pra rua, ela dá uma bola de vôlei e diz, "depois guardem a bola", e vai embora, já fez a chamada. Então, hoje não tem, eu pensei que era só aqui, mas eu vou em Feira de Santana, eu tenho uns sobrinhos que estudam e é a mesma coisa, dá a bola e vão brincar.

Naquela época a Educação Física era tão séria que se o aluno tivesse 30% de falta durante o ano ele fazia segunda chamada de todas as matérias e fazia em janeiro, perdia as férias, era a seriedade do negócio e eu encarava com mais seriedade ainda porque era meu fraco, eu gostava muito. Mas chegou o tempo das ovelhas magras e o exército tomou conta da coisa e eu fui chamado a Salvador para ser ouvido.

O professor Romeu disse ao militar, teve um curso de atualização que como o professor de calistenia não veio, ele ministrou, tinha gente de todo lugar, Rio Grande do Sul, São Paulo, onde tinha faculdade. Quando cheguei lá me apresentaram como professor de Educação Física de Campo Formoso, ai ele disse: "Seus documentos?" Eu tirei a carteira de identidade e mostrei, e ele "Não! Eu to procurando pelos documentos que lhe dá direito a ensinar Educação Física", então eu peguei esse documento aqui (declaração de assinada por Cristóvão Colombo) e peguei o certificado que já é definitivo porque o outro só valia por dois anos e entreguei a ele, e ele "Ah! Isso aqui não vale nada". Eu disse: não vale porque? Tem a assinatura de Dr. Alfredo Colombo? Ele respondeu que ele já era e que não valia mais nada e é

por isso que estamos aqui para consertar o Brasil. Aí aquilo ficou me machucando e eu comecei a argumentar que aqui não tinha escola de Educação Física, não existe um professor de Educação Física formado no interior, na capital tem seis professores e só, assim mesmo porque os cunhados deles eram deputados e eles arrumaram bolsa no Rio de Janeiro. [repete o militar] "Mas nós precisamos consertar o Brasil!". Aí eu fui perdendo a paciência e comecei a falar, olhe moço eu ensino lá no Colégio e ganho dois salários mínimos para ser professor de Educação Física e diretor de disciplina, eu ensino por amor, e o exército não vai mandar ninguém lá para ministrar a disciplina, se mandar conserta o Brasil, mas não vai mandar. Quando eu me "zanguei" eu disse: "E o senhor é o que?" Ele respondeu que era capitão do exército, eu disse: só? Ele respondeu: "Você quer mais o que?" Tirando a farda o senhor é o que? (Eu já estava disposto até a ir preso, naquela altura) Ele disse: "você está desacatando a autoridade?" Não! Eu estou discutindo porque o senhor disse que quer consertar o Brasil e eu vou lhe mostrar como é que conserta o Brasil, para quando o senhor chegar lá botar no seu relatório como é que conserta o Brasil. Eu perguntei se ele era professor de Educação Física, ele respondeu que não, eu disse então precisamos consertar o Brasil, pois como é que o senhor vem aqui, vistoriar uma inspetoria de Educação Física se o senhor não é professor, vamos consertar o Brasil, começa por lá aí o senhor vem com autoridade para mudar o negócio.

Fazendo uma colocação o professor Romeu disse: "Olha capitão esse aí é o melhor professor que nós temos no interior da Bahia, eu tenho saído com meu grupo para assistir demonstrações de ginástica masculina e feminina que ele faz lá no Campo Formoso porque aqui em Salvador eu não tenho onde assistir, nenhum colégio faz." O capitão disse que não interessava, pois um professor que não era formado na área não poderia ensinar. Então eu já não sou mais professor de Educação Física, vou para minha terra ganhar dinheiro fazendo outra coisa e o senhor mande um professor do exército, pois sem Educação Física não funciona o colégio, se o senhor quer realmente consertar o país bote uma faculdade de Educação Física na Bahia, pois primeiro se dá a condição para depois exigir. O capitão me ameaçou com prisão e eu disse que não queria ser preso por ser ladrão ou qualquer outra coisa, mas por exigir os meus direitos, poderia então colocar as algemas.

"Eu tinha um irmão que era presidente de sindicato e no dia da Revolução ele estava aqui e disse que ia embora, pois não poderia deixar os colegas enfrentarem sozinhos e acabou sendo preso."

Eu cheguei aqui comuniquei para o colégio e ai nunca mais teve um professor de Educação Física, porque pegaram professores que não sabiam nada de exercício, mas tinha um nível superior. E até hoje é assim, acabou, desfiles? Não se vê mais. Essa semana eu conversei com um rapaz da polícia que foi meu aluno e ele me disse o seguinte: "Olha Aristarco eu fui para polícia só para aperfeiçoar o que eu aprendi aqui com você, a ordem unida perfeita ninguém me ensinou mais do que eu aprendi com você, só aperfeiçoei" Para isso eu ia estudar, eu hoje sou triste porque o sujeito vai cantar o hino nacional, troca tudo, canta uma estrofe e para, não sabe que se cantar tem que cantar o hino todo, é lei, se for orquestrado pode ser só a primeira parte, mas se cantar tem que ser todo. Você não pode deixar a bandeira Nacional hasteada, chega na receita federal, no banco do Brasil e tá lá, vira a noite sem ninguém tomando conta, sem nenhuma claridade, são leis que eu ensinei e ensinei errado porque não estão fazendo. Eu cheguei aqui no colégio a desafiar numa reunião a dar mil reais para quem declamasse o hino sem erros, alguns

tentaram mais não conseguiram, pois cantar todo mundo canta, mas declamar! Ai então eu declamei. Até o patriotismo caiu, hoje não se leva a sério.

“Eu era diretor de disciplina de todo colégio e era diretor do internato feminino, depois disso fiquei ligado ao colégio colaborando. Eu tenho um prêmio de prata da DIREC-28 pela colaboração com a Educação Física na região, que eu ganhei dez anos depois que eu deixei de ensinar, tenho um dado pela Secretaria Municipal de Educação como o maior atleta de todos os tempos, encontro meus ex-alunos que fazem aquele alvoroço quando me vem, então eu acho que cumprir meu papel, e acho que o exército desgraçou o Brasil, se na Educação Física eles sem condições alguma fizeram isso, imagine nas outras áreas!

1ª) Quando começou a atuar e qual a formação?

R= Minha formação é primária, aí vem uma questão, eu aqui na Ferbasa fui substituir um engenheiro, mas eu só tenho o curso primário que equivale a quarta série, comecei a ensinar Educação Física em 1955.

2ª) Como analisa o ensino durante a Ditadura Militar?

R=Eu só posso pensar assim se prejudicaram a Educação Física que naquele tempo não era a mais importante, mas a mais exigida, por exemplo, para abrir este colégio se não tivesse as bolas de *medicine Ball*, os arcos, e todo o material, não abria o colégio, se não tivesse a trave, a barra dupla, não abria, da academia de lá eu trouxe algumas marombas para contar pontos. Você tira pelo fato das faltas, nenhuma matéria exigia isso, era importância que era dada, ela não era a mais importante, pois não vai se comparar com as outras matérias, não tem termo de comparação. Tinha um exame que o aluno só entrava no colégio quando fazia o exame biométrico, tinha uma balança, tirava a pressão. No princípio do ano a Educação Física tinha um exame de eficiência física, ai você tinha que levantar um peso, carregar para vê em quantos minutos fazia. No fim do ano o aluno só passava se fosse suficiente o exame físico do que ele aprendeu durante o ano, esse exame era obrigatório. O exame não reprovava, não tinha nota. O exército mexeu muito na área de jornalismo, na educação, em todas as áreas, eu não sei qual foi a vantagem que trouxe.

3ª) Como aconteceu o acompanhamento da secretaria de educação ou mesmo outro órgão superior?

R= O inspetor veio, viu que eu tinha capacidade e pediu apenas que eu conseguisse uma autorização para saber o que ele me perguntava naquele momento. Fui lá e fiquei sabendo que cada método tinha um nome e que eu não podia assinar só Educação Física. Nesse curso que eu fiz tinha prova de ciências, eu sabia de cor os músculos do corpo humano e a função, eu tinha uma capacidade de gravar e então de noite eu estudava e quando chegava lá... Eu só com o curso primário eu fiquei colocado entre os sessenta alunos em décimo lugar, na Educação Física em si eu fiquei em primeiro, mas entrava essa parte de ciências, desenho, chaves de jogos para fazer um campeonato, entrava tudo, e Português. Então, pra eles me darem este primeiro atestado, como eu não tinha o curso ginásio, eu tive que fazer com os outros professores um teste de cultura geral oral.

4ª) Como eram desenvolvidas as aulas, recursos, materiais, espaços?

R= Eu usava todo material, eu tenho fotografia só que não acho, pulava no arco de fogo e não era do chão não, era de um banco. A coisa era bem feita e meus alunos eram bons, eu tinha aluno que saiu daqui e foi aperfeiçoar a parte de Educação Física, tive aluno que só faltei ensinar a atirar, uma vez fui na vila militar em Salvador e ele era encarregado de treinar tiros, outro ia representar a polícia na corrida de resistência, de velocidade e aprendeu aqui, só aperfeiçoou, lá apararam as arestas!

5ª) Como era a participação dos alunos? Meninos e meninas faziam juntos?

R= Separado. Naquele tempo era horrível porque o calção das moças era "Bombacha" (solto e preso no joelho com um elástico), eu dava aula às meninas no internato feminino, não podia ser aqui na frente de todos. Todo mundo queria furar um buraquinho no muro para ficar olhando as meninas com um calção bem aqui (no joelho). Os exercícios eram os mesmos. Tinha uma diferença na curva de esforço, respeitando sempre a fase crítica da moça, a lei não mandava, mas cada uma tinha direito a uma dispensa por mês, a diferença era nesse ponto como a prática de esportes era mais para os homens, até o futebol era diferente, hoje é igual a mulher se igualou. Aquele negócio de arco, bola, era só para as moças, os exercícios mais leves, a ginástica feminina moderna.

6ª) Os espaços destinados às aulas eram bons? Quais eram?

R= Eram bons. Tinham bastante, assim como material.

7ª) A comunidade em geral valorizava a disciplina EF?

R= A sim, até hoje, eu passo e esse Fernando (carro de som) tá no carro e fala: "Já vai o professor Aristarco, professor de Educação Física. Ah aquele tempo professor Aristarco..." Isso porque tinham as demonstrações de ginástica, tinham os jogos, a cidade parava para ver. Bonfim fazia os desfiles em horário diferente da gente para poder vir assistir.

8ª) Expresse em algumas palavras o que representou essa experiência em sua vida.

R= Foi o tempo mais feliz de profissão, eu aprendi uma coisa desde menino "amar o meu trabalho" para ele ficar mais leve, de todas as minhas profissões, e eu tive mais de vinte, sapateiro, camelô, chefe de escritório, mas a que eu mais gostava era essa porque eu fazia por amor mesmo. Fui muito feliz durante este tempo e no dia que deixei, chorei. Quando eu sai no Sete de Setembro sem tá dirigindo a marcha, pela rua e vi o colégio sem eu e eu sem o colégio, eu voltei para casa chorando. Eu posso falar bem de tudo, só não posso falar bem do salário. Até hoje se o professor não pegar dois, três colégios não vive. Uma coisa eu destaco daquele tempo pra esse é que os alunos respeitavam os professores, não só de Educação Física, os professores eram respeitados na sala e fora da sala, na rua quando ia passando se eles tivessem fazendo uma brincadeira paravam para qualquer professor passar e eu excepcionalmente. Brincavam, me botavam rabo, eu fazia de conta que não tava vendo. O aluno tinha confiança na gente. Tinha pai de aluno que quando a gente ia fazer alguma reclamação, dava toda autoridade e apoio para o professor resolver a situação. Hoje se disser que o menino é feio ele vai para justiça.

Eu fui convidado para ser diretor de disciplina do Colégio São Paulo em Salvador, mas quando eu soube da realidade (Alguns usavam drogas) eu desisti na hora. Hoje acabou meu tempo, se me chamassem para trabalhar hoje eu não queria por conta do desrespeito. Eu sei de coisas que acontecem nesses colégios aí, nos particulares ainda se tem um respeito maior, mas nos públicos.

Ah foi muito bom, eu não tenho um aluno que passou por aí, que eu castiguei, suspendi de aula, que não sorria pra mim, não me cumprimentava, me abraçava. Um dia eu precisei fazer uma cirurgia e no dia o especialista viajou para os EUA, aí substituíram-no por um Dr. Sinval... Aí ele disse: "O senhor! Quantos anos eu esperei para descontar os castigos que o senhor me deu!" Eu disse é Dr. só espero que o senhor me castigue com a mesma intenção que eu castiguei o senhor pra hoje você ser um médico. Eu nunca tive um aluno que tivesse mágoa de mim, e eu era duro, porque tinha que ser.

Os pais deixavam os filhos viajarem sob minha responsabilidade e depois que deixei o colégio alguns alunos ainda me procuravam para acompanhá-los nas excursões senão os pais não deixavam ir. Viajávamos de trem.

ENTREVISTA 2

Professor Armênio Galvão

1ª) R= Hoje eu tenho a formação de pedagogo, a EF para mim foi uma necessidade de época, eu também fui professor de Matemática por uma necessidade de época, não tinha o que fazer, eu era professor primário e aí surgiu a oportunidade de ensinar EF no Colégio das Freiras e depois no Augusto Galvão. Na verdade eu acabei me formando em pedagogia deixando as outras pra lá e to aí Educação Física para mim foi na verdade um passa tempo, porque a EF não exigia muito da gente como é hoje, que você tinha que preparar aula, colocar no papel, chegava lá oh menino faz uma fila, vamos correr, vamos fazer isso. Evidentemente você tomava instruções, você lia alguma coisa, fazia um aquecimento, mas não era aquela rigidez que tem hoje de ter alguém acompanhando, de vez em quando aparecia um inspetor que não assistia a aula não, só queria saber se tava dando a aula, dava um visto na sua caderneta e ia embora. Meu grande mestre foi Aristarco, fui aluno dele e com ele fui aprendendo essas coisas e o que era que a gente fazia, um pouquinho de ginástica de solo, aeróbica um pouquinho de calistenia, essas besteiras que a gente fazia, fazia recreação, o esporte não tinha como praticar porque não tínhamos onde, era o nosso maior problema. E segundo é que não tinha dinheiro para comprar materiais, o governo não dava, os colégios que eu trabalhava eram particulares e o governo não ajudava não, mas a gente trabalhou e deu conta dentro do possível, isso a gente fez.

2ª) R= Olha eu tenho um negócio interessante daquela época, na época tinha umas matérias específicas para formação de cidadania, OSPB, Moral e Cívica, na própria história. E depois apareceu aqui um professor de OSPB e ele começou a trabalhar conosco no Augusto Galvão, era meu professor e a gente achava que ele era meio estranho, meio diferente, mas ele não demonstrava nada, ensinava dentro dos moldes militaristas, nós tínhamos que respeitar tudo que estava lá na lei deles, nós não podíamos dar nossa opinião, a opinião era do professor, depois que ele foi embora nós ficamos sabendo que ele era do exército e veio aqui como espião. Veio

porque aqui tinham uma associações rurais e ele queria vê o que tava acontecendo e acabou descobrindo algumas coisas, andou gente preso, professor inclusive. Não foi realmente preso, foi detido para ser averiguado, porque naquela época quem não era a favor do governo era comunista e ser comunista era quem matava os outros, não se tinha a idéia de partido como se tem hoje, hoje você pode tranquilamente ser comunista, mas naquela época não podia.

A OSPB e a Moral e Cívica encaminhavam a gente para aquele caminho que eles queriam nos formar, formados à base militarista, apesar de que eu digo a você era uma educação militarizada, uma educação que hoje a gente combate, mas era uma educação em que as pessoas aprendiam, respeitavam muito o professor.

Entrevistador: Mas era respeito ou era medo?

Podia ser um pouco de respeito, podia ser um pouco de medo. Não era tanto medo porque no interior a gente não tinha as ameaças que tinham lá em cima, só ouvia falar no rádio, não tinha televisão que a gente tem hoje. A gente sabia que pegaram os estudantes num sei onde, mas a noção que a gente tinha era a de que os estudantes estavam querendo coisas impossíveis. Para educação ela só não criou a cidadania que nós queríamos, nós fomos uma geração que nós fomos castrados, nós não tínhamos nossas próprias opiniões, pois as pessoas que tinham opinião própria eram mandadas para o exterior como Caetano, Gil, Vandrê, Chico Buarque, esse povo todo.

3ª) R= Além desse inspetor de Educação Física, nas outras matérias, quando a gente ia fazer o pedagógico, nesse tempo era o curso normal, nós tínhamos uma inspetora que acompanhava todo o trabalho, agora eu não sei até que ponto os militares tinham a ver com isso, se este sistema foi mandado por eles ou se já veio pronto, e eles só fizeram reproduzir.

4ª) R= Eu falei no início! Fazia umas brincadeiras, às vezes a gente até ensaiava umas coreografias para fazer com os meninos, brincadeiras mesmo, jogos, ginástica, até brincava de bambolês, corda, essas coisas todas.

Entrevistador: Os alunos eram preparados por vocês pra o 7 de Setembro?

Preparávamos e tinha que ser bonito, tinha que desfilar bonito senão o castigo comia.

Entrevistador: Então o desfile era o auge na EF?

Era com certeza, com certeza era isso mesmo.

5ª) R= Os meninos alguns gostavam, outros iam porque eram forçados a ir. Eu gostei desse trabalho que eu fiz naquele tempo, porque era um trabalho que nos aproximava muito dos alunos, justamente pela falta de ter que ser tudo rígido, de você ter que fazer aquilo... você fazia a vontade, não tinha essa fiscalização que tem hoje, hoje tem diretor em cima de você, às vezes até coordenação pedagógica, os pais dos meninos que não querem. É horrível.

Teve uma época que a gente fazia atividade juntos com as meninas, mas em outra época teve que separar. Não podia praticar esportes juntos, mulher jogar futebol? Uma vez os homens jogaram boledo aqui, mas era com a bola de futebol.

6ª) R= Todos os dois tinham espaços físicos a vontade, o que não se tinha era material para trabalhar, mas a gente fazia o que podia com o que tinha.

Entrevistador: Vocês usavam a sala de aula?

Não. Na sala de aula nada, se quisesse conversar com eles mandava eles sentarem no chão, fazia um círculo, explicava o que tinha que explicar. Só sei dizer para você que em termos de educação o professor era mais valorizado, tinha melhor condição, os alunos talvez tivessem medo, mas por esse medo eles aprendiam mais, sabiam mais.

Entrevistador: E o professor tinha melhor status na sociedade!

Professora não podia namorar com soldado! O professor era o espelho do aluno, eu tenho até hoje professores que eu nunca esqueço, eles se dedicavam ao trabalho, gostavam mesmo de trabalhar. É aquele caso de você trabalhar pela sobrevivência.

7ª) R= Olhe eu não sei até que ponto valorizavam. Nós por exemplo freqüentávamos porque meu pai fazia questão que nós participássemos de todas as habilidades escolares. E se a gente faltasse a aula, como a cidade era pequena, os pais logo ficavam sabendo.

A aula não acontecia no mesmo horário que as outras porque depois que fazia exercícios físicos, jogava bola, não dava para voltar pra aula fedendo, suado, não tinha os banheiros das escolas que têm hoje, essa evolução. A aula era seis horas da manhã, cinco horas da tarde, esses horários.

Entrevistador: E o pessoal que morava fora, nos distritos?

Olha não tinha muita gente de fora não, porque o pessoal vinha morar aqui. Eu tenho um negócio interessante para contar aqui, o polivalente foi um marco histórico para CF. O polivalente quando veio para aqui mudou muita coisa em CF. O que era que acontecia? O pessoal ficou sabendo que tinha um colégio do Estado em CF e aí diziam vamos pra lá, vinha o pessoal do brejão, da tiquara, da lage, várzea grande, e toda essa região vinha gente. Eles vendiam uma vaca, um pedaço de terra, um jegue, e vinham, quando a gente passava na porta sabia que era gente do interior, pelos costumes, eles estendiam as roupas na porta, e foi esse pessoal que fez com que a cidade crescesse porque até então o povo derrubava uma casa e construía outra no mesmo lugar, então foi esse povo que fez com que a cidade crescesse.

Entrevistador: Eu tava falando que o Polivalente foi um marco histórico para CF porque até então quem terminava o primário e tinha dinheiro ia para o Nossa Senhora de Fátima ou para o Augusto Galvão, e quem não tinha? Exatamente, eu comecei a dar aula lá e ensinava matemática, técnicas agrícolas. Fazia as coisas que realmente eu me identificava, em práticas agrícolas, eu tava acostumado já com meu pai plantando feijão, verdura, tirando leite, eu fui criado

fazendo essas coisas e eu gostava, é tanto que eu fiz uma horta naquele colégio e a gente vendia verduras. Depois do Polivalente os meninos tinham dificuldade, terminavam o 1º grau e diziam e agora vamos pra onde? Quem fosse lado do prefeito ele dava uma bolsa para estudar nos particulares, quem não fosse tava lenhado. Depois que a prefeitura parou de dar bolsas dizendo que não era sua obrigação pagar 2º grau, aí um dia em sentado com um grupo de alunos comecei a pensar no que fazer.

Eu era um tipo de professor rígido, chato, mas eu não gostava de reprovar ninguém, nunca gostei de reprovar, pelo seguinte, você tá se formando em Educação Física, para que você quer saber uma equação do 2º grau? Pra quê você quer dividir polinômio por monômio? Entendeu? Então eu via que muita gente não ia precisar disso. Eu me identificava muito com os alunos e eles me perguntaram: "Professor e agora o que vamos fazer?" Aí numa reunião eu dei um tapa na mesa e disse: Eu vou arranjar um colégio e 2º grau! Arranjei ta aí o Colégio Luzia de Freitas, foi uma briga muito grande, encontramos muitas adversidades, o grupo de professores que eu encontrei trabalhou e graça, os alunos eram quem faziam limpeza daquela escola e nós começamos assim.

"O professor Aristarco era sensor! A gente tinha um medo dele rapaz! Nos horários que ele não tava dando aula de EF ele ficava lá com uma varinha na mão."

Entrevistador: Você falou um pouco do polivalente, mas qual era a proposta do colégio? Era de profissionalizar os alunos?

Tinham aulas de Educação para o lar, técnicas agrícolas, técnicas comerciais, ensinava a cortar cabelo, artes industriais, que inclusive as máquinas evaporavam todas, ninguém sabe pra onde foi, coisas de Brasil! A sala era um espetáculo, todo maquinário, mas brasileiro é assim, quem tá no poder é assim, fica sentado lá em cima dando ordem, porque mandaram construir essas escolas, mas não prepararam os professores, é o problema que ta agora aí, vamos informatizar as escolas? Agora as escolas cheias de computadores e ninguém usa porque não tem conhecimento. Eu fui ensinar técnicas agrícolas, qual foi a experiência que eu tinha, só a experiência de vida.

Entrevistador: Fala sobre o modelo do colégio nada condizente com a realidade local.

Esse é um modelo americano, compraram as idéias e jogaram aqui. Uma estrutura muito bonita. [conversa sobre realidades hoje].

ENTREVISTA 3 (conversa informal)

Entrevistado: Telma Augusta. (Comunidade)

No fundo da casa tinha um sanitário de tábuas e foi ali que escondemos todos os livros de papai, uns livros de Plínio Salgado, quando a polícia baixou. E papai foi detido para ser interrogado. Isso aconteceu porque ele lia muito e fazia parte do grupo dos integralistas mesmo. Me lembro só dessas cenas, mas na escola não tinha influência nenhuma, todo mundo submisso, e logo freira e presbiterianos.

Aqui mesmo nem se ouvia falar, eu ouvia essas coisas porque eu tinha uma amiga que quando vinha de Salvador no fim do ano contava, mas ela notava que a gente

não pegava nada, não cultivava nada, porque também todo mundo desligado, com as mentes todas curtas.

Papai teve que rasgar os livros, esconder as idéias dele e ficar em casa, papai quando conversava na praça era bem baixinho para ninguém ouvir. Mas aqui em CF ninguém sentiu nada, os governantes eram ARENA I, ARENA II, não tinha nenhum estudante revolucionário.

Entrevistador: Até porque, eu fazendo umas leituras, vi que foram tiradas as disciplinas de Filosofia que eram quem poderia fazer os alunos refletirem!

Nós só recebíamos as informações prontas, ditadas por eles, os currículos já vinham com tudo determinado até os assuntos.

[falei sobre as disciplinas que foram introduzidas no currículo] No fundo elas eram importantes porque hoje ninguém mais sabe cantar o hino, não respeita os símbolos, ninguém sabe mais nada. Primeiro falavam do 21 de abril, depois foram tirando, mas a história é toda mentirosa.

... A juventude naquele tempo foi quem buscou muita coisa, hoje ninguém faz nada, não entende nada de política... Meu pai não deixava ninguém ouvir nem cantar uma música de Roberto Carlos, tinha pavor. Meu pai foi um homem que não passou em escola, mas era culto, aprendeu inglês ouvindo disco de vinil, leis ele sabia mais que os advogados de CF.

Ninguém questionava nada, achava tudo bom, que estava certo.

Só sabíamos das coisas pelo rádio. A televisão chegou aqui na década de 70, na época da copa, só duas pessoas tinham televisão e as pessoas se reuniam para vê a novidade.

ENTREVISTA 4

Entrevistado: Ivone Jatobá (Aluna)

1ª) R= (Estudou de 1965 a 1973) Na época era novidade, eu mesmo gostava, a turma toda, a gente não perdia uma aula, logo era horário oposto. Os rapazes eram num horário e as mulheres em outro, e as mulheres faziam dentro de uma murada, pra ninguém vê, porque a gente usava short, mas não era curto não, era em cima do joelho, as blusas eram compostas, compridas.

2ª) R= O espaço era amplo, material era corda, bola, giz, se fosse jogar "baleado" ou treinar vôlei ia pra quadra, mas se não fosse era nesse espaço fechado. (Usava sala de aula?) Não, era só prática, não tinha teoria não. (E o professor na hora da prática fazia alguma discussão com vocês com relação ao que tava trabalhando?) Não, ele explicava os exercícios, ficava lá na frente fazendo e a gente atrás observando e repetindo. (E foi o mesmo professor durante todo esse tempo?) Sim. Era obrigatório a gente fazer. Esporte, corrida, salto – tinha aquele da areia, a distância – baleado, vôlei e ginástica. (E vocês mulheres jogavam futebol?) Não, futebol era pra homem e as mulheres que se enfiavam no meio dos homens todo mundo falava.

3ª) R= A relação era boa, eles foram compreensivos ajudavam quando a gente pedia uma explicação fora de aula, o de EF também. (E vocês opinavam nas aulas?) O professor chegava lá e despejava, mas eles questionavam também, uns mais atualizados, só tinha uns que chegavam, colocavam um resumo no quadro.

4ª) R= Olha eu tive uma estagiária que ela foi presa, ela era interna do Augusto Galvão, o nome dela era Terezinha, ela participou dos movimentos lá em Salvador e

a notícia que a gente teve foi de que ela foi presa, mas aqui em CF não, de vez em quando aparecia uns homens com umas bandeirinhas, aqueles homens vestidos de vermelho, desfilavam aí na rua sem da uma palavra com ninguém, a gente ficava observando, também não entendia muito, ficava só com a curiosidade, aí diziam: "Ah é os comunistas!" (E na escola se falava alguma coisa sobre Ditadura?) A gente tinha um professor de História que de vez em quando ele falava que tinham algumas coisas que a gente não podia opinar senão ia preso, mas não me despertava muito para aquilo não, depois que eu me formei, foi que vi que os estudantes começavam a participar mais. (Vocês sabiam das notícias como?) Pelo rádio, na "voz do Brasil", depois pela televisão, no jornal, mas os estudantes daqui não participavam de nada não.

(E vocês sabiam dentro da política de Campo Formoso com relação à Ditadura?)

Nós éramos todos por fora, e as coisas que a gente vinha saber era depois de muito tempo. Às vezes no colégio comentavam, mas não ia adiante.

5ª) R= Não, ele era muito respeitador, quando a gente pedia dispensa ele nem olhava pra cara da gente, fazia a chamada, quem não fosse participar ficava ali sentado, mas tinha que comparecer.

(E a relação que vocês tinham era de respeito ou de medo para com os professores?) Não era de respeito, às vezes a gente tinha um pouco de medo do Diretor, mas era respeito mesmo, porque naquela época o professor era a autoridade, quando alguém se formava para professor era valorizado, não é agora, mas quando eu estudava era.

6ª) R= Tinham as olimpíadas entre os colégios, a gente ia pra Sr. do Bonfim, eles vinham pra cá, vinha gente de Miguel Calmon, o Colégio 2 de Julho de Salvador também vinha, principalmente no sete de setembro, ganhava prêmio, como tem agora, no meu tempo também tinha, eu ainda participei da corrida à distância, de salto, ainda joguei vôlei, baleado, agora tinham umas ginásticas que não dava pra mim não. As meninas não jogavam futebol, nem basquete e aqueles exercícios de peso também não.

(Depois da Ditadura teve alguma mudança no currículo da escola?) Eu só percebi que antes você não podia falar, expor suas idéias, mas depois não, melhorou e mudou bastante.

ENTREVISTA 5

Entrevistado: Maria Helena (Aluna)

1ª) R= (1964-1969) A gente dava muita importância, a gente era assíduo e não perdia de jeito nenhum. Pelo menos eu gostava mesmo, eu vinha da cana-vieira, andava seis quilômetros pra vir pra aula às quatro horas.

2ª) R= O espaço era um campo grande, uma área aberta, e antes o professor fazia um aquecimento, a gente dava num sei quantas voltas naquele campo, às vezes a gente fazia na quadra. A gente usava bola, tinha um material manual que a gente fazia ginástica artística, a gente participava de olimpíadas, para os homens tinham aqueles arcos que eles pulam e caem nos colchões, roda de fogo, vários tipos de ginástica, esporte eu não fazia pois morava no interior aí não dava tempo participar, mas umas colegas jogavam vôlei, basquete, boleado.

3ª) R= Se gostavam eu não sei, mas eram assíduos, porque o professor exigia, fazia chamada e todo mundo participava. As meninas faziam mais no espaço do internato e os meninos na quadra.

4ª) R= Era uma relação ótima, eles respeitavam a gente, a gente respeitava eles, ele era um professor que ensinava mesmo e quando a gente errava ele dizia: "não é assim, vamos fazer direito", eu pelo menos nunca percebi uma agressividade por parte dele não. Com os demais professores era boa também, só que eu era tímida e minha relação com os professores era "bom dia", "licença", "boa tarde", eu era muito calada, ficava sentada na cadeira da frente, se o professor me perguntasse alguma coisa eu respondia, se não... mas a maioria dos colegas tinha uma relação boa com eles, havia brincadeira, e um olhar do diretor era suficiente para que os alunos atendessem, mas era respeito porque ele não usava de agressão.

5ª) R= Eu acho que ficou um pouco distante, porque aqui era um município pequeno, e a gente vivia um pouco fora do mundo, os professores falavam, o de História, mas eu mesma vim conhecer essa história da Ditadura, de que algumas pessoas foram presas, exiladas, estudantes desapareciam, só depois, o professor falava como se a gente tivesse estudando como a gente estuda hoje, talvez porque ele fosse do interior. Eu morava no interior da cidade, e não tinha esse contato com jornal, revista.

(Com relação às disciplinas?) Naquela época tinha Moral e Cívica e OSPB, hoje nós temos no colégio filosofia e sociologia, que naquela época não tinha, e também nós aprendemos muito pouco de moral porque o professor passou o ano todinho definindo a palavra moral, depois passava um exercício, eu vim saber a importância da Moral e Cívica depois lendo alguma coisa, e organizações era pra saber da política, mas a gente não sabia de nada sobre a Revolução, que aqueles estudantes que estudavam faculdade que são mais atrevidos, porque quando você chega na faculdade sua cabeça é outra, desapareciam e os pais nunca mais viram.

6ª) R= Eu acho que quem tava dentro da política deve ter sofrido alguma influência, porque tava ligado, pois o prefeito da cidade dependia do Estado e o este do Governo Federal, mas como eu até hoje não gosto de política, mas ainda sei alguma coisa porque vejo nos jornais, reportagens, mas naquele tempo a gente não sabia, ia para a escola e não era cobrado, era só mesmo os livros didáticos, só os conteúdos, e a gente que morava no interior, não tinha acesso a uma biblioteca, nossos pais, analfabetos, achavam que só ir pra escola tava bom, mas eu acho que de um modo geral a cidade deve ter sofrido.

ENTREVISTA 6

Entrevistado: José Freitas (Comunidade)

1ª) No golpe de 64 eu morava aqui em CF, era funcionário público municipal e acompanhava pelos jornais, a maioria da população apoiava os generais, achava bom, receberam todo apoio de Antônio Carlos Magalhães, em 66 ele foi prefeito de Salvador e em 70 foi governador, mandava e fazia o que queria e não era só em CF não, era na Bahia toda, porque a Bahia é um estado conservador, reacionário e atrasado, infelizmente é esta a realidade, e ainda é hoje, aqui foi preso um vereador de socotó, tido como subversivo. O irmão de Antônio Carlos foi votado aqui, o povo votava em deputado estadual e federal no candidato que Antônio Carlos Magalhães mandava, de maneira que não tinha partido de oposição era ARENA I e ARENA II, todos dois seguiam ao mesmo chefe, a nossa realidade aqui era esta.

(Será que tinha algum grupo, sindicalistas, alguma coisa assim que ia de encontro aos interesses militaristas?)

Nada. Todo mundo do lado do governo, toda a população apoiando os militares e achava bom a perseguição aos estudantes que aconteciam aos operários, era todo mundo contra a operários e estudantes, isso eu posso afirmar porque eu vi. Se alguém disser hoje que estava contra a Ditadura, tá mentindo! Mais de 90% da população, prefeitos, operários aqui não tinha, camponeses, comerciantes.

Dr. Regis foi deputado, mas ele desistiu da política porque ele disse que era obrigado a cassar mandatos de colegas e ele não queria, então ele não se candidatou mais, a última eleição dele foi em 62, depois não se candidatou mais por causa disso.

Os alunos eram obrigados a cantar aquelas músicas "O Brasil é o país que vai pra frente...", o diretor reunia os alunos antes de começar as aulas e cantava, todo dia. No dia de Sete de Setembro era o maior entusiasmo pela Revolução.

(Com relação a fiscalização nas escolas?) Acho que não tinha não.

Não foi só CF não, a região toda, apoiavam e todo mundo queria ser candidato do governo, porque se não acatasse as idéias dele eram quatro anos sem direito a nada. E todo mundo abaixava a cabeça e obedecia. Nem a população, nem no meio político, só tinha um partido, quando vieram fundar o PMDB aqui foi em 86, já tinha acabado a Ditadura, que era o partido de oposição, que era de oposição a Antônio Carlos e não à Ditadura.

A Bahia sempre foi assim, conservadora e atrasada. Sou campofornosense.

O Brasil é governado por elite e sempre foi!

Só tinha a polícia militar e não tinham a quem vigiar.

ENTREVISTA 7

Entrevistado: Lourdes Costa (Professora)

Eu ensinei em 67/68.

1ª) R= Eu não sou formada em Educação Física, minha formação é em pedagogia, professora. Eu trabalhei com ciências, história e então ela me botou para ensinar EF, mas eu não sou formada, só fiz dá umas aulas, que foi quando eu fui pra Salvador fazer um curso na Inspetoria Seccional de Educação Física da Bahia, então eu fiz esse curso em Salvador. Depois desse curso que eu fiz, teve uma competição em Senhor do Bonfim, jogos ginásio-colegiais em 10/10/1968, e o colégio das Freiras foi quem ganhou a competição na ginástica de solo com as meninas, mas nós não tivemos jogos, só ginástica mesmo e ganhamos em 1º lugar, o objetivo era ter resistência, equilíbrio, postura, coordenação motora, disciplina e sincronização, que era fazer aqueles exercícios. Eu só trabalhava com as meninas.

2ª) R= Não, eu não senti nada não. Continuou a mesma coisa, não afetou nada, se falava muito mas era em Salvador, mas aqui mesmo não.

3ª) R= Não, o acompanhamento que teve foi quando a gente teve o curso. E nos jogos eles vieram, foram eles quem organizaram os jogos, foi feito pelo inspetor Romeu Brandão Soares. A sede foi em Bonfim que já era mais desenvolvida. Depois que eu sair não sei, mas no tempo que eu estava não teve, só nesses jogos mesmo.

4ª) R= Além dos exercícios tinha jogos e recreações, porque naquele tempo o que tava no auge era o chamado "baleado", não sei se você lembra! Nós até jogamos

com as alunas do colégio de Bonfim, da Sacramentinas, jogamos com o Augusto Galvão, sempre a gente tinha aqueles jogos, além dos exercícios, tinham aqueles jogos. Era muito pouco, porque foi logo no início, porque existia a matéria Educação Física e tinha que ter no colégio, aí não tinha professor, não tinha ninguém formado, aí elas me botaram.

5ª) R= Os meninos quem ficava era um professor de inglês, ele era americano, e eu com as meninas. Eles gostavam demais, quando eu fui fazer esses jogos, que tinha que escolher parece que foram 25 alunos foi uma briga porque todo mundo queria ir, mas não podia, porque tinha a quantidade certa, mas todo mundo gostava. Os recursos eram muito precários, o espaço era um galpão pequeno, tanto que as turmas eram assim: hoje 20 alunos, amanhã mais 20, era assim, não tinha espaço físico, não tinha nada, depois podem ter conseguido, mas logo no início não tinha nada.

As aulas aconteciam a tarde, não podia porque era tudo pertinho.

6ª) R= Não sei, talvez eu acho que não, sabe porque? As pessoas – agora não que o negócio tá muito evoluído – achavam que o aluno é só pra estudar na sala de aula, o português, a matemática, é só na sala, achava que quando tá fazendo EF tá perdendo tempo. A cabeça bem assim... E ficavam “Ah os meninos chegam cansados e têm que voltar pro colégio, pra que isso? Isso é bobagem!” quer dizer, não entendiam que ali tinha que fazer parte, que era uma matéria, e fazia parte do currículo. Quando saiam mais tarde, porque tinham que ensaiar alguma coisa os pais reclamavam.

7ª) R= Primeiro eu gosto muito, esse negócio de jogos, essas coisas assim que eu possa movimentar, correr, fazer exercícios. Isso pra mim serviu muito, porque eu tenho enfrentado muita coisa assim, às vezes muito trabalho e a EF que eu fazia junto com eles me serviu, fisicamente, e hoje eu mesma em casa faço, me lembro do que eu fazia antes. Uma Educação Física é uma coisa ótima, a questão do movimento. Tinha muita vontade de ser uma professora de Educação Física, mais do que ir pra uma sala de aula, ensinar Geografia ou História ou alguma outra coisa, me realizava muito. Meu corpo era em forma! Eu fazia e gostava de fazer aquilo. Eu achava lindo.

Eu não tenho muita coisa a dizer porque ela me botou como se fosse realmente um “tapa buraco”, e o curso que eu fiz foi muito rápido, foi um mês e pouco.

Quando ganhei os jogos recebi um certificado bonitinho do Professor Romeu, e o colégio me deu presente, então valeu a pena!

(O salário?) Era uma bobagem, ganhava por aula, muito pouco!

(Respeito?) Ah respeitavam! Agora já tá que aluno não respeita, mas naquele tempo, todo mundo respeitava. Hoje em dia é até triste uma pessoa se formar para professor... Muitos alunos não têm respeito nem em casa, porque a Educação é dada em casa, a escola dá instrução. E cada dia que passa tá piorando. Não existe vocação, quando você entra na sala de aula e vê que não é aquilo que você estudou, que você não é valorizado pelo aluno, diretor, não tem recursos, aquele estímulo e alegria acabam... O professor fica hoje em dia rezando pra sair a aposentadoria!